

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Poliana da Paz Bonfim

Os sentidos de Trabalho para jovens estudantes do Ensino Médio da cidade de
Carapicuíba

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO
2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Poliana da Paz Bonfim

Os sentidos de Trabalho para jovens estudantes do Ensino Médio da cidade de
Carapicuíba

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência parcial
para obtenção do título de Mestre em
Psicologia Social sob a orientação da Profa.
Doutora Bader Burihan Sawaia

SÃO PAULO
2011

Banca Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos jovens que gentilmente permitiram que uma parte de suas vidas, muitas vezes a mais difícil de ser lembrada, fosse dividida comigo, o que em muito contribuiu para este trabalho e para minha percepção do que é ser psicóloga social.

AGRADECIMENTOS

É difícil nomear todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, um sonho que diante das dificuldades destes quase cinco anos de volta à São Paulo, muitas vezes representou o único motivo em continuar neste caminho.

Agradeço ao CNPq pelo suporte para a realização deste estudo.

À Professora Dra. Bader Burihan Sawaia, minha orientadora, simplesmente fantástica em sua área do conhecimento, sobretudo, pelo afeto e suporte em momentos difíceis.

A todos os professores que humildemente compartilharam de seu conhecimento e experiência profissional.

Aos colegas de curso que contribuíram de diferentes formas e momentos de minha formação.

À Marlene, secretária do programa, pelo apoio em momentos cruciais.

As amigas Maristela por me convencer a trilhar por este caminho, Michele por me acobertar e Vanessa pela presença em momento de tamanha incerteza e solidão.

Aos amigos do Cursinho Prestes Vestibulares e da Prefeitura de Carapicuíba, Tarcisio, Burunga, Vera, Carlinhos e todos aqueles que estiveram ao meu lado e me mostraram o que realmente significa amizade e companheirismo.

À Vivi, grande e melhor amiga, que esteve ao meu lado em todos os momentos.

Ao apoio e carinho da minha família, aos meus pais que mesmo de longe sempre me apoiaram e aos tios Marco e Conceição pela ajuda e atenção.

Ao Carlos, por dividir comigo esta jornada oferecendo carinho, amor, “caronas” e paciência.

À Diretoria Regional da Educação de Carapicuíba e aos profissionais das escolas, pela abertura do espaço necessário para o desenvolvimento da pesquisa.

Aos jovens que voluntariamente dividiram suas vivências e sonhos com tamanho entusiasmo. Jamais me esquecerei do olhar de cada um deles, do acolhimento e espontaneidade típicos da juventude, que muitas vezes perdemos com o tempo.

A todas as pessoas que de muitas formas auxiliaram em minha aprendizagem e na construção deste trabalho. Espero, na mesma medida, que este estudo possa servir como base para o desenvolvimento de ações em prol da qualidade de vida dos jovens trabalhadores e estudantes.

RESUMO

Os sentidos de Trabalho para jovens estudantes do Ensino Médio da Cidade de Carapicuíba.

Poliana da Paz Bonfim

Palavras-chaves: Adolescência, sentidos, trabalho, dialética exclusão/inclusão social.

O presente estudo tem como objetivo compreender os sentidos do trabalho para jovens estudantes da cidade de Carapicuíba. A relevância do tema se expande à discussão sobre a desigualdade social e educação no âmbito coletivo e individual, ao trazer o período de desenvolvimento das capacidades de autonomia e liberdade a serem potencializados no ambiente escolar, no entanto, diante da condição de jovens de baixa renda submetidos ao trabalho é limitada e substituída por outras experiências fora da escola. Para tal objetivo, este estudo teve como referência a Psicologia Sócio Histórica e, a partir dela, as categorias de sentido: adolescência, trabalho e o processo dialético de exclusão e inclusão social. Foram realizadas entrevistas com jovens estudantes do Ensino Médio de escolas públicas estaduais, as quais foram analisadas a partir da teoria de Vigotski. Durante a análise, foram identificadas categorias que revelaram diversas formas de manifestação da inclusão perversa e da desvalorização da educação que aparecem nos discursos dos jovens e na rotina das escolas, pois esta é inócua, não os afeta, a não ser pelo cansaço físico. Sua positividade está na possibilidade ao fazer amizades e alcançar a universidade e o trabalho é visto como a única possibilidade de prazer vinculado ao consumo.

ABSTRACT

Senses Working for young high school students from the city of Carapicuíba

Poliana da Paz Bonfim

Keywords: Adolescence, senses, job, dialectical social exclusion / inclusion

The present study has how I aim to understand the senses of the work for young students of the city of Carapicuíba. The relevance of the subject expands to the discussion on the social inequality and education in the collective and individual extent, while bringing the period of development of the capacities of autonomy and freedom to be stimulated in the school environment, however, before the condition of young persons of low income subjected to the work is limited and substituted by other experiences out of the school. For such an objective, this study took the Psychology as a reference Partner Historical and, from her, the categories of sense: adolescence, work and the dialectic process of exclusion and social inclusion. Interviews were carried out with young students of the Secondary education of state, what public schools they were analysed from the theory of Vigotski. During the analysis, there were identified categories that revealed several forms of demonstration of the perverse inclusion and of the devaluation of the education that appear in the speeches of the young persons and in the routine of the schools, since this one is harmless, it does not affect them, but for the physical tiredness. His positivity is in the possibility while making friends and reaching the university and the work it is seen as the only possibility of pleasure linked to the consumption.

SUMÁRIO

Introdução	11
1. Objetivos	19
2. Método	20
2.1 Procedimentos Adotados	21
3. Referencial Teórico	25
3.1 Trabalho	26
3.2 Jovem	29
3.3 Sentidos	31
3.4 Dialética de Exclusão/Inclusão Social	33
4. Caracterização do Município	36
4.1 Caracterização do município de Carapicuíba	36
4.2 Carapicuíba: Cidade de trabalhadores	37
5. Experiência no campo: Contato com a Comunidade	40
5.1 A chegada até o objeto de pesquisa e o contato com as instituições executoras das Políticas Públicas	40
5.2 A escola: um espaço de relações dialéticas	42
5.3 Caracterizando o ambiente escolar	44
6. Resultados	49
7. Análise das Entrevistas	66
7.1 Descrição dos sujeitos	66
7.2 Unidades de Significado e Discussão	68
7.2.1. Motivo de Ingresso	69
7.2.1.2 A pressão do grupo familiar diante das próprias escolhas	70
7.2.2. Os pais ajudam a arrumar os empregos	71
7.2.3. A preparação de um personagem para o Mercado de Trabalho	72
7.2.4. Os Programas de Inclusão e Qualificação Profissional	72
7.2.5. Sofrimento no trabalho	73

7.2.6. Vida Social	76
7.2.7. Otimismo em relação ao futuro do jovem e as oportunidades	77
7.2.8. O valor da Educação	78
7.2.9. Crescimento Profissional	79
7.2.10. Sentidos de Trabalho	80
8. Considerações Finais	84
9. Referências Bibliográficas	90
ANEXO I – Questionário	94
ANEXO II – Roteiro de Entrevista	95
ANEXO III – Termo de Consentimento de Participação em Pesquisa	99

INTRODUÇÃO

A educação é uma preocupação social que atravessa a história da humanidade, e reflete nas questões políticas e sociais em diferentes momentos, refletindo nas concepções pedagógicas e sua relação com o desenvolvimento humano.

No Brasil, a política educacional nacional é regida pela Lei de Diretrizes e Bases, número 9394/96, de 20 de dezembro de 1996, que regula os parâmetros da educação nacional. De acordo com o artigo 1º, a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais, organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. O parágrafo 2º, afirma que, a educação deve se vincular ao mundo do trabalho e à prática social.

Tal legislação representa o modelo de educação contemporâneo brasileiro, sendo este associado às questões sociais e à formação para o trabalho como uma proposta de atendimento às necessidades contemporâneas. No entanto, mantém um modelo pedagógico tradicional baseado na transmissão de conteúdos, mas distante da vida e das categorias de compreensão do mundo partilhado pelo educando.

Gesqui (2008) em *“Organização escolar, absenteísmo docente, discente e rendimento escolar”*, investiga o papel da escola e da educação em diferentes momentos históricos. Para o autor a concepção educacional da atual está em concordância com a proposta desenvolvida após a revolução industrial, ao tomar como base a educação para o trabalho. Segundo o autor, a escola atende a um modelo ideológico e fisicamente estabelecida enquanto espaço hierárquico, organizada de tal forma a não envolver a população

atendida e não oferecer um modelo de aprendizagem voltado para a expansão e aprendizagem de conhecimentos fundamentais à emancipação humana.

O autor conclui que o absenteísmo docente, as ausências dos alunos e, mesmo quando presentes, o pouco envolvimento de todos está associado à maneira como a educação está organizada, ao ser transformada em espaço burocrático fundamentado no conteudismo e no distanciamento da comunidade escolar, que em nada agrega ao que é oferecido na instituição

A educação é uma das expressões mais claras da desigualdade social, ao oferecer qualidade educacional diferenciada de acordo com a condição econômica do educando. Assim, ao tratar da população de baixa renda, o conteúdo está de acordo com a proposta de oferecer apenas aquilo que seja necessário para a manutenção das desigualdades e formação da mão de obra necessária.

Camarano (2006) em *“Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?”*, discute a educação como um processo de transição para a vida adulta construído através de uma trajetória histórica de sistematização do conhecimento adquirido pelo homem para transformar a natureza. A educação, em uma compreensão histórica, é entendida enquanto parte do processo criativo do homem., contudo, entre as mudanças provocadas pela divisão social, o modelo de educação adequou-se ideologicamente às condições de desigualdades impostas. Assim, a relação criadora entre educação e trabalho perde espaço para relações ideológicas que mascaram a situação de desigualdade social, ao mesmo tempo em que a reproduz.

Para Lara (2011) em *“Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição”*, trata da ideia contemporânea de trabalho e retoma ao período manufatureiro do capitalismo para compreendê-lo. Durante este período o trabalho desenvolvido pelo artesão era livre diante da capacidade de criar e de identificar-se com o produzido em um processo de criação e autonomia, mas a

divisão social do trabalho e a utilização da máquina transformaram tal relação de tal forma que impediram o homem de agir de forma criativa sobre a natureza, tornando-o simples ferramenta em meio ao processo produtivo constituído.

Desta forma, a escola e o trabalho foram transformados por relações econômicas e perderam seu caráter de atividade criadora, de potencialização das habilidades humanas, a tal ponto de tais serem consideradas executores de tarefas que em nada se assemelha à atividade humana de transformação da natureza e de si mesmo.

Ao tratar da população jovem inserida na escola e no trabalho, nos moldes impostos pelo capital, é necessário caracterizar os sujeitos em questão, adolescentes moradores da grande São Paulo. Sobre o desenvolvimento não existe consenso sobre juventude e adolescência e Camarano (2006) destaca o ingresso no mercado de trabalho como uma transição entre a infância e a vida adulta. Porém, seguiremos a normatização estabelecida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente¹, que compreende o período do desenvolvimento entre 12 e 18 anos. Tal escolha pretende atender, de alguma forma atende, a categoria adolescência, analisando-o na perspectiva Vigotskiana.

Para Vigotski (1934/2001) o desenvolvimento humano é biológico, mas determinado por questões históricas e sociais. A adolescência é entendida como um momento de desenvolvimento das funções psicológicas superiores de tal forma que o sujeito adquire plena capacidade de sinalizar, ou seja, de mediar à objetividade pelos significados sociais e, assim, modificar e construir sua própria visão de mundo e agir por conta própria. E, é durante a adolescência que ocorre um pico no desenvolvimento da criatividade e da imaginação para além da fantasia.

¹ Lei 8069, de 13 de julho de 1990.

Diante dessa análise, segundo a perspectiva de Vigotski, o jovem está em um processo de transição, ou seja, um salto de qualidade em termos biológicos e psicológicos e o ingresso no mercado de trabalho soam como algo a ser investigado.

Um estudo desenvolvido por Castro; Aquino; Andrade (2009) aponta a queda no analfabetismo no Brasil de 10% para pessoas maiores de 15 anos, um percentual relativamente elevado diante de outros países. No Ensino Médio, a taxa de inclusão foi de 82% dos jovens entre 15 e 17 anos em 2007, na educação regular, mas acompanhada pelo baixo índice de frequência, varia entre os sexos e etnia. Porém, há predominância feminina no acesso e na permanência na escola.

Contudo, mesmo diante do aumento nas taxas de inclusão na instituição escolar é preciso considerar a diferença de qualidade de ensino entre escolas públicas e privadas, reconhecidamente marcadas pela diferença na qualidade do ensino oferecido e, conseqüentemente, colocando limitações na vida daqueles que estão em escolas de menor qualidade.

A qualidade do ensino regular também reflete diretamente no acesso ao ensino superior. Em 2007, o mesmo estudo apontou que 18% da população entre 18 e 24 anos ingressou em universidades. Comparando os índices de inclusão do ensino superior de 18% aos do Ensino Médio, de 82%, é evidente como grande parte dos jovens não dá continuidade aos estudos após o término do ensino regular.

E, a fim de colaborar com ações em prol da superação da relação perversa entre educação e trabalho, a presente pesquisa avalia os sentidos do trabalho para estudantes do Ensino Médio de escolas públicas, na cidade de Carapicuíba, em São Paulo. Os sujeitos são jovens estudantes do terceiro ano do Ensino médio, do período noturno, oriundos de famílias de baixa renda e moradores da cidade e de seu entorno.

O interesse pelo tema começou na graduação, quando participei como pesquisadora² e estagiária em projetos sobre a temática do trabalho na infância e juventude. No entanto, foi trabalhando no Curso Pré-Vestibular e acompanhando a rotina de estudantes e/ou trabalhadores de baixa renda motivados em ingressar no curso superior como alternativa de melhoria nas condições de vida, que comecei a questionar a relação entre educação e trabalho para jovens submetidos ao trabalho precoce.

Trata-se de um Cursinho Comunitário fundado em 1999 por um grupo de estudantes do ensino superior que buscaram, na Teoria Crítica, principalmente em autores da Escola de Frankfurt, referências para a realização de uma práxis transformadora para a vida das pessoas de baixa renda através da educação, sobretudo, no ingresso em Universidades Públicas, como ponto de partida para a emancipação popular. Assim, construía-se uma alternativa muito além dos grandes cursinhos pré-vestibulares comerciais para a população pobre.

Atualmente, a sede da instituição também é utilizada para atividades com o objetivo de crescimento político e social da população do entorno, onde também são oferecidas atividades recreativas para crianças, um espaço para a associação de moradores e uma biblioteca comunitária.

O interesse em estudar Carapicuíba, cidade localizada na região oeste de São Paulo, partiu do desejo de contribuir como moradora para a melhoria da cidade, pelas suas características de cidade-dormitório, pobre, com população de baixa renda e sede de um dos maiores lixões do estado de São Paulo. Segundo DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – em 2011, a renda média da população do município é 41% menor que a média do Estado de São Paulo. Enquanto moradora, assistia, naquele mesmo espaço, uma população dotada de afetos, e tive a

² Iniciação Científica intitulada de “Representação Social de Trabalho para jovens que atuam no mercado informal de Corumbá”, sob a orientação da Profª. Sandra Rebello Lima Francelino e concluída em 2003.

oportunidade de mostrar-lhes o quanto poderiam construir e mudar suas condições de vida.

Diante de uma localidade onde o maior potencial econômico é a força de trabalho da população, o entendimento do processo de ingresso no mercado de trabalho deve transitar entre o individual e o social, pois trata-se de pessoas em fase de desenvolvimento de capacidades importantes para a chamada “vida adulta”, mas que estão submetidas a determinações sociais de exclusão que interferem diretamente em suas vidas.

A presente pesquisa, portanto, trabalha com duas dimensões psicossociais fundamentais: educação e trabalho. O trabalho, segundo Marx, é condição de existência do homem e independente da organização social é uma necessidade que tem a função de mediar a relação entre o homem e a natureza. Por meio do trabalho, o homem transforma a natureza e transforma a si mesmo e, durante o processo passa de ser natural a natural humano e cria-se a história. Porém, no capitalismo, o trabalho transformador da natureza passa a ser mediado pelo sentido do valor de troca da mercadoria, cujo objetivo é o lucro sem limites que impulsiona a exploração do trabalhador.

E através da reflexão sobre a vivência dos próprios alunos do Cursinho, a escola foi escolhida como espaço para a realização da pesquisa por ser um local de mediação do conhecimento, principalmente para jovens em um momento peculiar voltado para a criatividade, imaginação e socialização.

Este estudo parte da compreensão de que as relações de trabalho no capitalismo contemporâneo distanciaram o homem de sua atividade e o transformaram em força de trabalho alienada, sem identificação com aquele que o realiza, tornando-se fonte de sofrimento por não possibilitar satisfação ao homem, como afirma Gorz (2007).

O reducionismo unidimensional da racionalidade econômica própria do capitalismo faz tábua rasa de todos

os valores e fins irracionais do ponto de vista econômico e só mantêm, entre os indivíduos, relações monetárias entre as classes, relações de forças, entre o homem e a natureza uma relação instrumental, fazendo nascer com isso uma classe de operários-proletários totalmente despossuídos, reduzidos a nada mais que força de trabalho indefinidamente intercambiável, sem nenhum interesse particular a defender. O trabalho do proletário perdeu qualquer atrativo. O trabalhador torna-se simples acessório da máquina; dele se exige a operação mais simples, a mais rapidamente aprendida, a mais monótona [...] (Gorz, 2007, p. 28)

Considerando que na perspectiva da teoria sócio histórica, a Psicologia Social é uma área do conhecimento comprometida com uma práxis transformadora, torna-se relevante compreender a vivência dos antagonismos envolvidos na forma como os jovens de baixa renda ingressam precocemente no mercado de trabalho e insistem em estudar, e, como as condições econômicas interferem no seu desenvolvimento e nos projetos de futuro, do ponto de vista material e subjetivo, isto é, analisar os obstáculos e os sofrimentos ético-político envolvido na vida desses jovens que ingressam precocemente em uma atividade profissional.

“O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado com inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade.” (Sawaia, 2006, p. 104)

Diante dos fatos apresentados, espera-se que a pesquisa colabore com as discussões sobre as políticas públicas voltadas ao desenvolvimento das potencialidades criativas e reflexivas dos jovens de forma a capacitá-los a lutar por uma atividade enriquecedora e que fortaleça o potencial de ação

daqueles que apenas iniciam sua trajetória em uma sociedade baseada no trabalho como fonte da sobrevivência humana.

“Temos diante de nós os objetivos concretos de preparar os seres humanos para a próxima época, as pessoas da próxima geração em plena concordância com o papel histórico que lhes caberá.” (Vigotski, 2010, p. 301)

1. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

O objetivo principal deste trabalho é analisar os sentidos da relação entre escola e trabalho para jovens de baixa renda, alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas, localizadas na periferia da cidade de Carapicuíba, que trabalham em diferentes ocupações.

Objetivos específicos:

- Conhecer o cenário onde se configura a vida dos jovens e a territorialidade das escolas escolhidas.
- Conhecer o perfil dos jovens trabalhadores que estudam nas escolas escolhidas considerando as motivações para o ingresso do mercado de trabalho, as mudanças, consequências e projetos de futuro.
- Analisar os sentidos de trabalho e escola para jovens trabalhadores considerando a dialética exclusão/inclusão social como determinante na vida dos sujeitos.
- Conhecer os programas de políticas públicas e instituições que oferecem qualificação profissional e/ou ingresso no mercado de trabalho no município.

2. MÉTODO

Este trabalho buscou um referencial teórico-metodológico para a compreensão de sentido enquanto categoria construída no campo da intersubjetividade, mas permeado pela dialética de exclusão/inclusão social. Encontramos em Vigotski a possibilidade de compreender os jovens como sujeitos dotados de singularidade e afetos, a partir de um repertório histórico e social que influencia nos significados construídos socialmente, mas tornam os sujeitos únicos.

Parafraseando Sawaia:

“Epistemologicamente, significa colocar no centro das reflexões sobre a relação trabalho, escola e autonomia, a idéia de humanidade e como temática o sujeito e a maneira como se relaciona com o social (família, trabalho, lazer e sociedade) de forma que, ao falar de jovem trabalhador que estuda, fala-se de desejo, temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo em que de poder, de economia e de direitos sociais.” (Sawaia, 2006, p. 98)

O estudo adota uma perspectiva comprometida ao buscar um conhecimento que desvele a realidade definida por uma concepção de sujeito enquanto único e singular, partindo de determinações refletidas por um meio social de desigualdades. Nesse sentido, a concepção de sentido e significado de Vigotski é fundamental.

Para Vigotski (1934/1998) a palavra tem dois sentidos, um dicionarizado e perpetuado socialmente, com poucas variáveis e difusos em determinados momentos históricos e, outro formado pelo que o repertório emocional provoca na consciência, que é fluído, dinâmico e tem zonas de estabilidade desigual. Segundo Paulhan apud Vigotski (1934/1998 p. 182) “*o sentido de uma palavra é um fenômeno complexo, móvel e variável; modifica-se de acordo com as situações e a mente que o utiliza, sendo ilimitado*”.

Assim, os sentidos são um fenômeno dinâmico, móvel e variável que podem ser modificados durante toda a vida do sujeito de acordo com suas vivências e configura a singularidade de processos psicológicos, a consciência e influenciam o pensamento e ação.

Vigotski afirma que a palavra é carregada de emoções, desejos e interesses que formam a base afetivo-volitiva de cada sujeito:

“Para compreender a fala de outrem não basta entender as suas palavras – temos que compreender o seu pensamento. Mas nem mesmo isso é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação. Nenhuma análise psicológica de um enunciado está completa antes de se ter atingido esse plano” (Vigotski, 1934/1998, p.188)

No presente trabalho os sentidos refletem as motivações de sujeitos em uma fase de desenvolvimento que representa um momento de ruptura para autonomia e liberdade, determinado por questões biológicas, mas influenciadas e estimuladas por aspectos sociais e históricos.

Dessa forma, a análise dos sentidos foi utilizada para compreender a totalidade social e histórica que somadas à afetividade singularizam o sujeito e são manifestadas através do pensamento e da ação. Portanto, a sua análise representa a complexidade da vida de jovens submetidos a condições que determinam suas escolhas.

2.1 Procedimentos Adotados

A realização da pesquisa contou inicialmente com um levantamento sobre o município através de indicadores do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística - IBGE , Departamento Intermunicipal de Estudos Econômicos e Estatístico - DIEESE – e Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de

Dados. A necessidade de tais dados partiu da dificuldade em encontrar informações sistematizadas sobre o município.

Também buscamos conhecer as Políticas Públicas para o ingresso e qualificação profissional para jovens implantadas na cidade. Através de conversas com os responsáveis pelos departamentos, foi feito um mapeamento dos programas oferecidos, assim como de outras instituições particulares com o mesmo fim. Os Departamentos da Administração Municipal visitados foram os seguintes: Secretarias de Educação, Desenvolvimento Econômico, Social e Trabalho, Promoção Social e Desenvolvimento Urbano.

O perfil do jovem estudante trabalhador do município foi levantado por meio da realização de um questionário fechado³ em quatro escolas localizadas em quatro diferentes bairros da cidade.

A opção pela escola como local para a realização do estudo foi de investigar a situação vivenciada por jovens estudantes do 3º. Ano do Ensino Médio, concludentes da educação regular, ao mesmo tempo em que trabalham e ou já trabalharam. O intuito foi considerar a relação educação-trabalho na vida de jovens de baixa renda e moradores de um município com baixos índices de desenvolvimento humano⁴.

A escolha das escolas foi motivada pelo desejo de investigar a desigualdade social entre os bairros, principalmente entre o centro e a periferia. Assim, foram escolhidos quatro bairros nos extremos e populosos da cidade.

Após o estabelecimento dos locais fizemos contato com a Diretoria Regional de Ensino de Carapicuíba para apresentação da proposta de pesquisa e solicitação de autorização para entrada nas escolas. Inicialmente, escolhemos quatro escolas e, apesar de estarmos com autorização da Diretoria

³ Modelo de questionário – anexo 1

⁴ O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) em 2010 esteve entre os três menores do estado de São Paulo.

Regional de Educação de Carapicuíba, houve dificuldade para entrar em alguns locais por conta das condições de submissão à violência, tráfico de drogas e vandalismo do entorno, situações que causam distanciamento entre escola e comunidade e tornam a educação cada vez mais voltada para um fim em si mesma e desvinculada da realidade social da cidade.

Assim, uma das escolas propostas não aceitou a realização da pesquisa com a justificativa de um momento de desgaste por parte das equipes de gestão e pedagógica da instituição. Em respeito à equipe da instituição, provocada pela baixa pontuação atingida em uma avaliação da Secretaria Estadual de Educação, optamos por buscar outra escola nas proximidades.

Nas outras escolas, que chamaremos de A, B, C e D, tivemos alguns contratempos durante os primeiros contatos, mas conseguimos obter informações para a realização da pesquisa.

Diante do grande número de salas de aula em todas as escolas e do tempo para análise dos dados, preferimos reduzir a amostra para três turmas por escola, sendo as turmas escolhidas aleatoriamente no dia da aplicação dos questionários.

Durante a aplicação das questões relacionadas à pesquisa, vários jovens preencheram mais do que proposto, buscando um espaço de desabafo para as situações de trabalho que, para alguns significava sofrimento e humilhações; enquanto para outros, perspectivas de futuros e sonhos. Assim, o significado social da atuação de uma psicóloga e a aparente carência resultou em inúmeros bons encontros que acrescentaram muito ao conteúdo, sobretudo, para a sensibilidade e comprometimento em tratar da temática.

Dentre os encontros, foram escolhidos os sujeitos para as entrevistas entre aqueles que se mostraram mais dispostos a participar. No entanto, no segundo momento, quando voltamos para a realização das entrevistas, alguns jovens tinham deixado de frequentar as escolas, o que ocasionou a escolha de

outros nomes de alunos. Assim, foram realizadas oito entrevistas⁵, duas em cada uma das quatro escolas, sendo um sujeito do sexo feminino e outro do sexo masculino em cada uma delas.

Os sujeitos entrevistados foram jovens estudantes do Ensino Médio da cidade de Carapicuíba. Entre esses, alguns são moradores de cidades vizinhas e trabalhadores de diferentes áreas; outros moram no próprio município e outros em cidades circunvizinhas. Optamos pela análise de todas as entrevistas por contemplarem categorias relevantes para a análise dos sentidos.

Durante as entrevistas, todos assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido⁶, ficando cientes de que poderiam deixar de participar no momento que desejassem e que os dados seriam utilizados para fins científicos.

Ao final, os nomes de todos os sujeitos e instituições participantes da pesquisa foram alterados para preservar o sigilo dos envolvidos.

⁵ Foi proposto um roteiro para a realização das entrevistas – anexo 2.

⁶ Modelo – anexo 3

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho se orienta pelo conceito de ciência enquanto produto de um determinado momento histórico realizado por homens concretos de uma sociedade situada historicamente. Tal concepção parte da teoria postulada pela Psicologia Social baseada no materialismo histórico e dialético, descrita por Marx em sua Teoria Social.

Ao conceber as determinações históricas e sociais na concepção de ciência como construção situada no tempo, a partir de uma práxis transformadora, é possível superar a hierarquia proposta por um modelo de ciência positivista, ao estabelecer uma relação entre pesquisador e pesquisado que juntos constroem um conhecimento peculiar somente possível através da análise do contexto sócio-histórico.

“[...] pesquisador e pesquisado se definem por relações sociais que tanto podem ser reprodutoras como podem ser transformadoras das condições sociais onde ambos se inserem.” (Lane, 2001, p.18)

Por meio da relação estabelecida em um campo intersubjetivo é possível criar situações para além da análise da dialética de exclusão e inclusão social a fim de superar valores e significados sociais ideológicos e potencializar a ação em prol de sua liberdade de sujeitos excluídos socialmente.

Dessa forma, este trabalho tomou quatro categorias de análise: Trabalho, Jovem, Sentido e Dialética Exclusão/Inclusão Social, como fundamentais para a compreensão da temática do jovem trabalhador de baixa renda, situado em uma sociedade sustentada por relações dialéticas que os expõem a uma situação de vulnerabilidade comum àqueles que fazem parte de sua condição social.

3.1 Trabalho

O entendimento de trabalho enquanto relação entre homem e natureza retoma o conceito de Marx, em que tal relação é essencial para a sobrevivência, reprodução e potencialização da própria existência. Através da ação sobre a natureza, o homem pode desenvolver capacidades que formaram um repertório histórico transmitido por meio da relação com outros homens.

Tal repertório de atividades ao longo do desenvolvimento humano determinou as relações entre os homens, desde o período mais primitivo até a forma atual baseada no capital. Engels (1876) em “O papel do trabalho na transformação do macaco em homem”, afirma que o trabalho favoreceu o desenvolvimento da espécie humana, através da criação, das relações sociais, do desenvolvimento da linguagem e do pensamento. Assim, o trabalho possui um caráter de criação e potencialização da vida humana que diferencia o homem das outras espécies.

[...] O trabalho começa com a elaboração de instrumentos. E que representam os instrumentos mais antigos, a julgar pelos restos que nos chegaram dos homens pré-históricos, pelo gênero de vida dos povos mais antigos registrados pela história, assim como pelo dos selvagens atuais mais primitivos? São instrumentos de caça e de pesca, sendo os primeiros utilizados também como armas. Mas a caça e a pesca pressupõem a passagem da alimentação exclusivamente vegetal à alimentação mista, o que significa um novo passo de sua importância na transformação do macaco em homem. (Engels, 1876, p.7)

Marx (1985) ao tratar da diferença entre o homem e outras espécies, conceitua a Capacidade Teleológica como forma de agir de acordo com necessidades além das meramente biológicas ao agir com finalidade sobre a natureza e utilizando-se de todo o repertório desenvolvido pelos antepassados para superar as barreiras naturais de sobrevivência.

Contudo, na economia do capital são estabelecidas relações antagônicas entre os homens, que são engendradas pela dialética da exclusão social, mediante a exploração da força de trabalho. Assim, o trabalho, antes fonte de desenvolvimento da capacidade criativa do homem, passa à divisão entre o trabalho manual e intelectual, determinados pela classe social e ligados às contradições de um modelo de educação ideologicamente fundamentada na desigualdade social.

Segundo GORZ (2007) o homem passa a fazer parte da engrenagem da máquina operada e distante de suas habilidades e interesses, pois cabe ao trabalhador adaptar-se ao trabalho, afastando-se daquilo que lhe agrada. Assim, as capacidades humanas são descartadas e o trabalho passa a ser mera fonte de sobrevivência, já que o homem não se identifica com aquilo que está produzindo, nem tem liberdade para optar pela atividade mais prazerosa.

Se vimos que com respeito ao trabalhador que se apropria da natureza através do trabalho a apropriação aparece como estranhamento, a auto-atividade como atividade para outro e como atividade de um outro, a vitalidade como sacrifício da vida, a produção do objeto como perda do objeto para um poder estranho, para um homem *estranho*[...] (Marx 2009, p.90)

Paralelamente, aqueles que detêm o controle da economia utilizam-se de instrumentos para a manutenção da sociedade de acordo com seus interesses através da ideologia, enquanto mecanismo para sedimentar e interiorizar seus valores como verdades universais, manter a sociedade de acordo com seus interesses e mascarar a exploração imposta através das desigualdades sociais.

[...] a transformação das ideias particulares da classe dominante em ideias universais de todos e para todos os membros da sociedade. Essa universalidade das ideias é

abstrata porque não corresponde a nada real e concreto, visto que no real existem concretamente classes particulares e não universalidade humana. As ideias da ideologia são, pois, universais abstratas. (Chauí, 2008, p.89)

Contudo, o processo de alienação vai além do controle social e está atrelado à mercadoria através do fetiche, que a torna um fim para a ação humana e onde o objeto do trabalho adquire um valor que define as relações sociais entre os homens e esvazia o conteúdo simbólico do produto do trabalho humano. Desta forma, o homem precisa obter tais mercadorias agregadoras de valor social, são produtos não triviais e dotados de poder sobre as necessidades materiais e espirituais humanas.

Visto que o trabalho possui um caráter fundamental para a vida humana ao ser transformado em mercadoria em uma economia baseada na exploração daquele que dispõe apenas de sua força de trabalho para sobreviver, o trabalho, em princípio, possui um caráter transformador, passa a significar sofrimento.

Barreto (2006) discute o sofrimento e a alienação sofrida por trabalhadores e afirma que após a Revolução Industrial o trabalho passou a significar como necessário para a satisfação de necessidades e para a liberdade. Contudo, diante da atual conjuntura de relações de trabalho cada vez menos estáveis, mudanças tecnológicas e busca pelo aumento de produtividade, são extintos postos de trabalho e aumentam as exigências sobre o trabalhador, como constante qualificação, submissão a normas de padronização do comportamento e de controle da produtividade. Assim, surge uma sociedade de desempregados, despossuídos e impossibilitados de consumir ou de sobreviver.

Portanto, a partir de um panorama histórico sobre o trabalho é possível observar como as relações foram estabelecidas e alteradas ao longo da

história, estimuladas pelos interesses materiais do homem, na exploração que mantém a pobreza e desigualdade social. Contemporaneamente, quando o trabalho humano é entendido como parte da máquina operada e associado a instrumentos de padronização e normatização de atividades, as quais é necessário adaptar-se funcionalmente para sobreviver, pensar no ingresso precoce ao mercado de trabalho é analisar o homem em sua totalidade de expectativas e afetividade mediante uma condição de trabalho que lhe exigirá adaptação a condições necessárias à sua sobrevivência, o afastando da afetividade e daquilo que lhe é agradável.

3.2 Jovem

Os conceitos de adolescência e juventude fazem parte de uma discussão ampla e contemplam, além dos aspectos biológicos, a construção histórica e cultural. Porém, diante da necessidade de estabelecer um referencial, consideraremos as leis que definem as faixas etárias de tais etapas do desenvolvimento, por considerarmos também produções de um determinado momento histórico.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, a adolescência compreende o período entre 12 e 18 anos. No entanto, a lei pode ser aplicada até 21 anos em casos expressos na lei. Já a da Organização Mundial da Saúde – OMS, considera jovem o período entre 15 e 24 anos.

Tais leis representam um determinado contexto histórico, mesmo tratando de desenvolvimento humano. No caso da adolescência, a concepção passou a ser considerada como fase do desenvolvimento do século XX, quando o prolongamento da fase de saída de casa passou a fazer parte da vida daqueles que, saídos da educação regular, se preparavam para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, prolongavam a permanência na casa dos pais e dependência familiar.

Para Vigotski, o desenvolvimento humano é um processo dialético contínuo, sem finalização ou linearidade e a adolescência um período de transição de mudanças biológicas e psicológicas determinadas pelo contexto social e histórico.

Vigotski, (1931/1996) em “Paidologia Del Adolescente”, descreve a adolescência como um período de amadurecimento da capacidade de sinalização que permite ao indivíduo formar conceitos concretos de forma a pensar sobre o mundo e questionar a própria identidade e os significados construídos socialmente. Assim, ao ser capaz de abstrair conceitos e pensar por si, inicia-se um processo de autonomia e liberdade.

“[...] a imaginação e a criatividade, relacionadas com a livre elaboração dos elementos da experiência, sua livre combinação, exige como premissa indispensável, a liberdade interna do pensamento, da ação, do conhecimento que têm alcançado somente os que dominam a formação de conceitos.” (Vigotski, 1931/1996, p. 207)

Tal momento da vida do jovem é chave para Vigotski, por compreender a ocasião em que o indivíduo passa a ter as capacidades necessárias para pensar e agir como autônomo, bases para a independência e liberdade humana.

Contudo, o autor destaca que o processo de amadurecimento das funções psicológicas superiores que ocorrem durante a adolescência, como determinadas pelo contexto histórico e social. Nesta perspectiva, a educação assumiria um importante papel na formação do indivíduo ao propiciar a estrutura necessária para a formação do indivíduo.

A escola é entendida como um espaço de mediação do conhecimento, sendo a aprendizagem um processo que ocorre pela interação entre os homens e, portanto, possível em todos os espaços.

Ao tratar da educação em “*Psicologia Pedagógica*”, Vigotski afirma que a educação tem que ser vista como um processo dialético no lugar de ferramenta de padronização do indivíduo, submetida a instrumentos ideológicos que carregam um modelo de educação tradicional, a partir da qual é mostrada uma dada realidade como verdade absoluta.

Na mesma obra, o autor aponta o modelo de educação utilizado pelas escolas como de acordo com a biologia moderna, que tem como princípio fundamental do desenvolvimento a adaptação da criança ao meio em que ela vai viver e reagir. Tal modelo de educação baseado na transmissão de conteúdos é baseado no acúmulo de um conhecimento voltado para uma educação sem sentido ou significado para o aluno, uma educação de dependência que desconsidera toda a potencialidade jovem de construção do processo de aprendizagem.

Tal modelo de educação deve ser superado e tal mudança na educação necessita de uma mudança na sociedade como um todo, através de uma atividade revolucionária de mudança, que considere, sobretudo, as relações entre as classes e a interação do homem com o meio, através de relações transformações e potencializadoras da ação humana.

Contudo, a atividade revolução proposta por Vigotski não se trata de fazer a revolução literal, mas de realizar práticas conscientes para uma sociedade onde o homem seja livre para desenvolver sua capacidade criativa.

3.3 Sentidos

A Psicologia Social, na perspectiva sócio-histórica, toma como base os princípios de Vigotski como possibilidade de superação da dicotomia predominante no campo das ciências, ao conceber o homem como um sujeito que apesar das determinações históricas é capaz de superar sua condição.

Tornou-se necessária uma nova dimensão espaço-temporal para se aprender o Indivíduo como um ser concreto, manifestação de uma totalidade histórico-social – daí a procura de uma psicologia social que partisse da materialidade histórica produzida por e produtora de homens. (Lane, 2001, p. 15)

Dessa forma, o presente estudo busca nos sentidos a categoria para compreender a relação entre trabalho e educação para os jovens estudantes do município de Carapicuíba. Para o autor, os sentidos devem ser entendidos em uma relação dialética com os significados, pois ambos constituem duas zonas diferentes de estabilidade nas palavras.

Em “*Pensamento e Linguagem*” (1934/1998) Vigotski aponta o sentido como concebido enquanto unidade de significação que sintetiza os aspectos biológicos, sociais e psicológicos, assim como a relação entre objetividade/subjetividade. Já o significado é concebido como princípio organizador da consciência, mediando os processos psicológicos e o contexto social.

O significado é dinâmico e reflete a realidade social historicamente determinada ao incorporar as transformações históricas, sendo transformado ao longo do tempo produzindo assim novos significados. Porém, é mais estável e preciso que o sentido, expressando a dimensão dicionarizada da palavra:

(...) é o predomínio do sentido de uma palavra sobre o seu significado — uma distinção que devemos a Paulhan. Segundo ele, o sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de

todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala. (VIGOTSKI, 1934/1998 p. 181).

Desta maneira, para entendermos a fala de alguém, temos que entender suas palavras, seu pensamento e sua motivação, ao passo que *“nenhuma análise psicológica de um enunciado estará completa antes de se ter atingido esse plano”* (Vigotski, 1934/1998, p. 188).

Assim, a análise dos sentidos e trabalho permite compreender como esta realidade tem afetado os jovens e, a partir disso, propor considerações sobre como essas pessoas são afetadas por esse processo de exclusão/inclusão.

3.4 Dialética de Exclusão/Inclusão Social

Ao tratar do ingresso precoce de jovens no mercado de trabalho e do contexto escolar, a exclusão abrange a noção dialética do processo de exclusão/inclusão, enquanto um processo além da materialidade, mas que afeta a subjetividade do indivíduo submetido a ela, como explica Sawaia (2006, p. 9):

“Em síntese, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema”

Para a autora, a exclusão só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. A idéia central da dialética exclusão/inclusão gira em torno da concepção marxista sobre o papel fundamental da miséria e da servidão na sobrevivência do sistema capitalista. Diante da análise sobre o ingresso do jovem no mercado de trabalho, o processo de exclusão está presente na vida destes jovens mesmo no local de moradia - uma cidade pobre com população de trabalhadores submetidos à condições de trabalho que lhe causam sofrimento e em uma rotina na qual, dificilmente, conseguirão superar tal condição. Sawaia busca em Arendt a distinção entre compaixão e piedade, para compreender o padecimento . Segundo a autora, compaixão é sofrimento que nos faz voltar à ação social, podendo adquirir um caráter público e unificar os homens em torno de um projeto social. De outro modo, piedade é a paixão pela compaixão, é sentimento que encontra em si mesmo o seu próprio prazer, aprisionando o homem ao seu próprio sentimento.

A autora toma o conceito de sofrimento ético-político enquanto categoria do processo de exclusão/inclusão, trazendo uma configuração de dimensões não só materiais e políticas, mas também relacionais e subjetivas:

“O sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. Portanto, o sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade” (p. 104).

Ao falar de exclusão, na concepção dialética, fala-se de desejo, da temporalidade e de afetividade, ao mesmo tempo, de poder, economia e

direitos sociais. Sem questionarmos o sofrimento que mutila o cotidiano e a capacidade de autonomia e a subjetividade dos homens, a política - inclusive a revolucionária - torna-se mera abstração e instrumentalização. (SAWAIA, 2006).

Para Sawaia (2006) não basta definir as emoções que as pessoas sentem, é preciso conhecer as afetações que as originaram e as direcionaram, para conhecer a implicação do sujeito com a situação que o emociona. Dessa maneira, conhecer o sofrimento ético-político é analisar as formas sutis de espoliação humana por trás da aparência da integração social.

4. CARATERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

4.1 Caracterização do município de Carapicuíba

A história da cidade de Carapicuíba remonta a uma aldeia de indígena entre as 12 colonizadas pelo Padre José de Anchieta e foi oficialmente fundada com a celebração de uma missa em 12 de outubro de 1580. As terras de posse de Afonso Sardinha foram doadas pela coroa portuguesa e colonizadas a fim de expandir o território para além da costa, em direção ao interior, onde havia maior contingente indígena, visionado como mão-de-obra para o trabalho agrícola.

A aldeia foi a única entre as fundações jesuíticas a localizar-se distante da margem de algum rio, fato estimulado pelo conhecimento por parte dos europeus da localização dos índios na região alta e relativamente próxima do rio Tietê.

É formada por uma igreja chamada Capela de Santa Cruz até XIX - posteriormente denominada de Capela de Santa Catarina - e 21 casas construídas em 1736, tombadas em 1941 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN.

Durante o período das bandeiras, a aldeia serviu de parada para os viajantes que seguiam em direção ao interior de São Paulo, guiados pelo rio Tietê. Posteriormente, a área foi uma fazenda que teve diferentes proprietários até ser vendida para Delphino Cerqueira em 1903, responsável pela mudança da atividade econômica na região, ao investir na criação de gado para abate e tornando a localidade responsável por grande parte do abastecimento de carne na cidade de São Paulo. No mesmo período, teve início a extração de areia na lagoa localizada na cidade. O material, considerado de excelente qualidade, foi fundamental no crescimento da cidade de São Paulo, sendo destinada principalmente para a construção civil. Como ponto de escoamento da areia, a

Ferrovia Sorocabana iniciou em 1921 a construção da estação “Sylviania”, hoje chamada “Carapicuíba”.

O crescimento econômico da região e a facilidade de locomoção proporcionada pela ferrovia fizeram crescer o número de moradores da cidade, desenvolvendo o comércio do entorno e estimulando a instalação de outras empresas, como a Indústria de Tecelagem Santa Izolina, instalada em 1925 por Alberto Kerworthy.

Em 1950, a população da região contava em cerca de 7 mil habitantes. Com o comércio, matadouro, tecelagem, fiação, extração de areia e indústria bastante intensificados, levou a inauguração da estação ferroviária KM 21.

Vários distritos da cidade pertenceram a cidades vizinhas e a emancipação ocorreu em 1960, quando a população era de 17 mil habitantes. Na década seguinte, após a assinatura de um convênio entre as prefeituras de Carapicuíba e São Paulo foi construída a COHAB – Conjunto Habitacional, a fim de solucionar um problema de moradia da cidade de São Paulo, trazendo famílias, em sua maioria composta por migrantes da região nordeste, que ocuparam também outras localidades da cidade e estimularam o crescimento demográfico desde então.

Entre as décadas de 1970 e 1980 a população cresceu de 55.339 para 180.830 habitantes, através de uma ocupação desordenada e sem nenhum critério de urbanização, fatores que refletem diretamente na qualidade de vida atual dos moradores, que hoje somam 372.053 habitantes, segundo dados da Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados - em 2011.

4.2 Carapicuíba: Cidade de trabalhadores

Carapicuíba é uma cidade localizada a 22 km de São Paulo e é marcada por um grande contingente populacional, na maioria trabalhadores que atuam em cidades vizinhas. No município não há um mercado desenvolvido e são

poucas as empresas que permaneceram após as décadas de 1980 e 1990. As empresas instaladas atualmente na cidade são, em sua maioria, de pequeno ou médio porte.

Na década de 1970, quando um grande contingente de pessoas dirigiu-se para a região, estimuladas por oportunidades de trabalho e pelo baixo valor dos imóveis, resultando no crescimento populacional desordenado da cidade. Como consequência, a cidade atualmente conta com 34,97 moradores por metro quadrado, segundo dados da Fundação SEADE - Sistema Estadual de Análise de Dados - em 2011.

A saída da maior parte das grandes empresas localizadas na cidade somada à alta densidade populacional, sobretudo em idade produtiva, refletiu-se no pouco número de postos de trabalho oferecidos no município, forçando a população a buscar uma ocupação profissional em cidades vizinhas. Da mesma forma, a pouca escolaridade dos moradores de 6,5 anos de estudos, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE – em 2000, contribuiu no tipo de ocupações profissionais dos moradores de Carapicuíba, sendo em sua maioria vagas operacionais que exigem pouca escolaridade e, conseqüentemente, recebem baixos salários.

Paralelamente, dados da Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Social e Trabalho do município apontam crescimento no número de vagas oferecidas por empresas da região que exigem certa qualificação profissional, mas poucos são os munícipes que possuem a qualificação necessária para ocupar o cargo.

Entre as áreas que mais empregam na região, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE – em 2007, o Setor de Serviços é o maior responsável pelas oportunidades de trabalho na cidade, sendo que cerca de 90% da população trabalha em cidades vizinhas, incluindo

a população jovem, como foi levantado nos resultados apresentados no capítulo 6.

A cidade conta com 53 escolas de Ensino Médio distribuídas pelos bairros, sendo uma escola técnica estadual e três faculdades, uma instituição pública e duas particulares. Porém, muitos dos moradores dirigem-se para outras cidades, principalmente para a cidade de São Paulo em busca de oportunidades educacionais.

Através do contato com as diferentes secretarias municipais, ficou evidente a inexistência de uma rede de informações entre os órgãos públicos em geral, que assegure o conhecimento das oportunidades pela população. Há engajamento por parte das secretarias da Promoção Social e do Trabalho em realizar um serviço no qual haja centralização de informações, mas a falta de estrutura impede a realização da ação.

Em resumo, o município traz, historicamente, a característica de oferecer recursos para o desenvolvimento do entorno, fato que se repete desde o período da colonização pelos jesuítas - através da exploração indígena - até a atualidade, pelo oferecimento de mão-de-obra, em sua maioria com pouca escolaridade, e submetida às colocações com os menores salários.

Dessa forma, em um município que conta com a terceira maior densidade demográfica do Estado de São Paulo e onde a população possui pouca escolaridade e qualificação profissional, as peculiaridades vivenciadas são determinantes para o ingresso precoce no mercado de trabalho daqueles que necessitam contribuir na renda familiar, para os que buscam melhores alternativas de crescimento profissional e vêm no trabalho uma forma de conseguir recursos financeiros para o custeio da continuidade dos estudos.

5. EXPERIÊNCIA NO CAMPO: CONTATO COM A COMUNIDADE

5.1 A chegada até o objeto de pesquisa e o contato com as instituições executoras das Políticas Públicas

Aguiar (2001) traz o questionamento sobre a atuação do pesquisador e/ou profissional na comunidade e afirma o desafio de distinguir e estabelecer limites entre ambos, pois cabe ao pesquisador analisar a realidade de acordo com o trabalho proposto. Contudo, em um trabalho que considera a relação social e histórica enquanto determinantes da compreensão do ser humano, o próprio pesquisador também exerce influência sobre o objeto de pesquisa, seja no olhar sobre o problema, na escolha dos instrumentos ou na análise.

No caso deste trabalho, minha relação com o tema e o envolvimento com o município são anteriores ao início da pesquisa. Após o término do curso de Psicologia busquei minha colocação no mercado profissional com muitas expectativas, da mesma forma como muitos recém-formados que idealizavam inúmeras possibilidades de atuação.

Comecei desenvolvendo um trabalho em Curso preparatório para o Vestibular onde a convivência com os alunos me fez questionar o papel do psicólogo em uma instituição com inúmeros problemas de ordem estrutural, financeira e pessoal. Porém, diante de uma aparente carência dos alunos, a possibilidade de ter um psicólogo institucional pareceu uma solução mágica diante dos olhos de muitos, alguém para resolver os conflitos emocionais, pedagógicos e didáticos de todos que faziam parte daquele contexto. Havia uma ideia generalizada, baseada na compreensão da atuação clínica, em que todos seriam ouvidos, os problemas solucionados ou direcionados para aqueles que deveriam resolvê-los.

Durante os primeiros contatos com os alunos, na tentativa de realizar atividades de Orientação Profissional, percebi o que hoje compreendo como

sofrimento ético-político, algo que em muito afetava a vida dos estudantes e interferia diretamente na realização do meu trabalho. Dentre os diálogos com os jovens, ouvi relatos de insatisfação com o atual emprego, cansaço e pouco tempo para dedicação aos estudos.

Diante da demanda buscamos parcerias com órgãos públicos e instituições privadas, na tentativa de ampliar as atividades de Orientação Profissional e conseguimos alguns estagiários, mas por um curto período e que não solucionou o problema.

A rotina vivenciada pelos alunos, carregada de longas jornadas de trabalho associadas à pressão imposta por um curso preparatório para o vestibular que incluía discussões de cunho social e político na proposta político-pedagógica, muitos jovens se perdiam no cansaço em sala de aula.

Após dois anos, iniciei um trabalho na Administração Municipal de implantação de programas de qualificação profissional e observei a dificuldade ao criar programas de Políticas Públicas para a qualificação profissional e emprego.

Durante este período mantive contato com alunos de escolas estaduais da cidade que nos procuravam em busca de qualificação profissional e notei o grande número de estudantes do Ensino Médio, em sua maioria muito jovens, alguns já com experiência profissional, mas sem nenhuma qualificação. Diante de um município onde reconhecidamente a população possui baixa escolaridade, tal comportamento dos alunos me preocupava ao indicar a continuidade do perfil da região, constituído por trabalhadores com baixa formação e, conseqüentemente, remuneração.

Nas visitas aos órgãos públicos conheci os locais que sediam os programas de qualificação e ingresso ao mercado de trabalho voltados à população jovem. Os programas oferecidos são Pro Jovem, Menor Aprendiz e Jovem Cidadão, sendo os dois primeiros administrados pela Secretaria da

Educação e o último pela Secretaria do Desenvolvimento Econômico, Social e Emprego.

Enquanto pesquisadora tive a abertura por parte das instituições para conhecer às formas como os responsáveis pelos programas os executavam: a divulgação através de escolas, igrejas e centros comunitários e as principais dificuldades, principalmente relacionadas ao ProJovem – programa desenvolvido pela Secretaria Nacional da Juventude e aplicado pelas prefeituras -, para obter a estrutura necessária na realização dos cursos.

5.2 A escola: um espaço de relações dialéticas

Um aspecto me chamou a atenção desde os primeiros contatos com as escolas pesquisadas foi a dificuldade no acesso ao interior das mesmas, pois os prédios possuíam muros altos, inúmeros portões que separavam e distanciavam os locais de atendimento de quem está do lado de fora.

Inicialmente, foram realizadas várias tentativas de entrada em duas escolas, pois principalmente nos dias de chuvas os horários de atendimento na secretaria foram reduzidos, os portões mantiveram-se fechados e o telefone fora de área. Mas, o que realmente saltava aos olhos era a altura dos muros, instalação de cercas elétricas, de sistemas de câmeras e outros equipamentos de segurança, justificada pela necessidade de proteger as instituições da realidade violenta do entorno, mas que ao mesmo tempo distanciava população local.

Uma das escolas sugerida para a pesquisa teve que ser substituída, pois a abordagem ocorreu no período de divulgação da avaliação do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP -, um exame realizado pela Secretaria Estadual de Educação em 2010 com o intuito de quantificar a qualidade do ensino oferecido na instituição através da

aplicação de uma prova junto aos alunos. Os resultados são publicados e as melhores escolas têm seus professores gratificados com um bônus salarial.

Nas escolas visitadas não havia informações sobre o resultado da avaliação, mas era evidente a insatisfação generalizada por parte de professores e funcionários, em especial na escola classificada com nota inferior, evidenciando a frustração diante do trabalho realizado durante o ano letivo.

Na escola em questão, a nota significou uma punição pelo não recebimento da gratificação financeira oferecida àqueles que atingissem uma determinada pontuação, além da desvalorização da instituição pela divulgação do resultado. Assim, o corpo docente fragilizado, não permitiu a realização da pesquisa ao ser entendida como outra avaliação.

Em respeito, procurei outra disposta a participar da pesquisa, o que ocorreu rapidamente em uma escola em um bairro próximo, o que em nada prejudicou a proposta inicial.

Foi interessante observar a carência de profissionais dispostos a ir além da proposta didática e atender a necessidade dos alunos e algumas situações assemelhavam-se ao início do trabalho no curso pré-vestibular, pelo perfil da população, dificuldade para lidar com as peculiaridades dos jovens, muitas vezes, na necessidade de intervenção em questões para além dos muros escolares, como violência doméstica, conflitos familiares, drogas e abusos em todas as suas formas.

Contudo, ao contatar as quatro instituições, mesmo diante das peculiaridades de cada uma delas, a pesquisa pode ser realizadas.

A proposta de realizar o trabalho de campo em quatro escolas partiu da intenção de buscar os quatro bairros mais populosos da cidade, a fim de investigar também entre as condições de vida dos moradores em bairros distintos uns dos outros.

O contato com os alunos foi marcante e em cada encontro - sempre bons encontros - o desejo de compreender e contribuir de alguma forma para a vida daqueles jovens aumentava ao ouvir as narrativas de histórias sobre a vida daquelas pessoas que, mesmo diante dos relatos de insatisfação com o trabalho, mostravam-se valorizados pela participação na pesquisa.

A narrativa de um jovem relata os afetos dos jovens frente à pesquisa:

“Foi você que escolheu a nossa escola e a nossa sala para a realização do seu estudo? Eu gostaria de fazer um networking com você, vou te passar meus contatos e você me passe seu e-mail e telefone, pois é muito importante para mim saber os resultados da sua pesquisa. Você me manda quando ficar pronto?”

Contemplando um ambiente destinado à educação, mas voltado para atendimento de uma população que em sua maioria chega física e mentalmente cansada e onde poucos são aqueles que conseguem realmente participar das aulas, a pesquisa teve um caráter de pertencimento por parte dos alunos e mostrou ser potencializadora para os mesmos.

5.3 Caracterizando o ambiente escolar

O trabalho de campo teve dois momentos: o primeiro para a realização dos questionários e, o segundo quando foram realizadas as entrevistas individuais.

A proposta inicial foi de realizar apenas uma análise através da teoria os sentidos. Porém, por conta da carência de estudos sobre a cidade, fez-se necessário conhecer o cenário para compreender a localidade. Para tanto, foram visitados órgãos públicos do Município na busca por informações sobre a cidade e também levantamentos junto a institutos de pesquisa.

O primeiro passo foi apresentar o trabalho à Diretoria Regional de Ensino de Carapicuíba para obter uma autorização de entrada nas escolas. Houve um grande incentivo por parte do setor que disponibilizou os espaços, reconhecendo a necessidade de estudos sobre a cidade.

O critério utilizado para a escolha das escolas, comentado anteriormente, foi a localização e os bairros eleitos, localizavam-se em quatro pontos extremos da cidade.

Na escola AA o acesso foi difícil e houve várias tentativas de contato por telefone e, sem sucesso, dirigi-me pessoalmente à instituição. Muros altos e dois grandes portões separam a escola da comunidade. Após um longo tempo no portão, tentei contato através do telefone, fui atendida e autorizada a entrar. As dependências da escola possuem uma característica peculiar, muros externos com grafites feitos por ex-alunos e apresentados orgulhosamente pela coordenadora, assim como as salas e a área administrativa, um espaço muito limpo e pintado, o que em nada se assemelhava à realidade do entorno de ruas mal iluminadas em um dos bairros mais populosos e violentos da cidade.

Havia grande envolvimento por parte dos professores e funcionários com a escola e um carinho visível por parte dos professores com os alunos, sendo que os últimos pareciam ter acesso a todos os espaços da escola. Contudo, o mesmo acolhimento não estava disponível para a comunidade além dos muros da escola.

Ao apresentar a pesquisa à coordenadora do período noturno, fui informada da necessidade de autorização pela diretora e que eu deveria aguardar o contato. Após alguns dias de espera, a autorização para a realização da pesquisa foi negada e justificada pelo baixo índice alcançado na prova do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP.

Neste momento, a importância do contato com profissionais ficou clara, por representar um importante instrumento para o conhecimento das relações institucionais socialmente construídas e os desafios da escola. E, durante as conversas, evidenciava-se o descontentamento do corpo docente e administrativo das escolas diante das políticas criadas pelo governo do Estado de São Paulo, no que diz respeito às bonificações baseadas em critérios que desagradam e engessam o trabalho realizado pela escola. Assim, foi necessário buscar outro local para a realização da pesquisa; a escola D, descrita a seguir.

A alternativa foi buscar outra instituição localizada em um bairro próximo para não perder de vista a distribuição estabelecida. Na escola D houve receptividade por parte da coordenação, direção e também pelos alunos

A escola A, localizada em um dos bairros mais distantes do centro, a entrada foi autorizada sem grandes problemas pela coordenadora pedagógica, mas notava-se que o prédio precisava de manutenção e reparos como pintura, troca de vidros quebrados, entre outros reparos.

A escola B contava com interfone, portões eletrônicos e sistema de monitoramento por câmeras. Fui recebida por vários membros da direção e apresentei a proposta, que foi aprovada por todos. O prédio apresentava um bom estado de conservação e notava-se o interesse por parte da equipe de direção da escola em cuidar daquele espaço e dos alunos.

No primeiro encontro, ficou evidente a preocupação dos alunos com a escola e o respeito aos profissionais da instituição. Alguns alunos questionavam minha presença e a maioria verbalizava a disponibilidade em participar da pesquisa.

A escola C, localizada no centro, contava com um rigoroso sistema de controle de entrada e saída, muitos portões e pouco acesso à comunidade. Foram várias tentativas até conseguir entrar na escola e conversar com a

diretora. Na escola em questão, também há um rígido controle de entrada de alunos atrasados e, segundo o discurso dos próprios alunos, o maior número de estudantes que chegam fora do horário são os trabalhadores de regiões distantes, que representa uma grande parcela, pois a escola fica no centro da cidade e próxima dos terminais da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos – CPTM - e de ônibus.

A escola D substituiu a escola anteriormente escolhida para a pesquisa, denominada de AA. Atende alunos do Ensino Fundamental nos períodos da manhã e tarde, é pequena, decorada e aparentemente cuidada por profissionais e alunos. Há grande controle na entrada e saída de alunos. Os estudantes trabalhadores de regiões distantes reclamavam do impedimento da entrada dos atrasados, autorizados a entrar somente na segunda aula e sob um rigoroso registro dos coordenadores.

A aplicação do primeiro questionário ocorreu da mesma forma nas quatro escolas, ou seja, foram três salas do terceiro ano do Ensino Médio do período noturno. Nesta etapa, mais do que o preenchimento das respostas que basearam a construção de um perfil dos estudantes, este contato foi um interessante instrumento para conhecimento da dinâmica institucional e dos desafios enfrentados pelos envolvidos com as instituições escolares.

Foram longas noites nas escolas e diversas situações em cada uma das 12 salas onde entrei, mas entre tantas constatações, a que mais chamou atenção foi a dificuldade por parte dos alunos em compreender a leitura e escrita, dificuldades estas apresentadas no entendimento de um questionário curto e de redação simples.

No retorno às escolas para a realização da segunda etapa das entrevistas, a reação dos jovens foi de curiosidade e disposição para contribuir com o trabalho. Apenas uma jovem negou-se a participar, alegando timidez. Em linhas gerais, durante este período ficou evidente o quanto algumas

condições de trabalho são vividas de maneiras diversas e influenciadas, sobretudo, pelo tempo de experiência profissional, pois alguns relatam situações de padecimento, enquanto outros relatam situações diversas com grande euforia.

6. RESULTADOS

Foram entrevistados 307 jovens, distribuídos em 12 salas de aula de quatro escolas, de bairros distintos da periferia de Carapicuíba, no período noturno, apresentando um equilíbrio entre o número de jovens do sexo feminino e masculino. Cada sala apresentou um número médio de 25 alunos, oscilando principalmente nas quintas e sextas, quando o índice de ausências foi maior, o que, segundo os alunos, justifica-se pelo cansaço provocado pela conciliação entre trabalho e escola. Um estudo desenvolvido por Bianchetti, Pereira e Andrade (2009) aponta o crescente número de vagas no período noturno para atender a população de trabalhadores.

Sobre a idade, a maioria dos jovens possui 17 anos, representando 55%, como indica a tabela 1. Em segundo lugar, com índice duas vezes menor, aparecem os jovens com 16 anos, representando 26%.

Na proporção entre os sexos⁷ apresenta-se maior incidência de jovens do sexo masculino, com a diferença percentual de 4% na faixa etária entre 17-19 anos. O decréscimo no número de jovens com 19 anos ou mais está relacionado ao aumento nas matrículas de jovens no Programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA ou em outros programas de formação de curta duração similares.

⁷ A opção pela categoria sexo para definir masculino e feminino foi proposta pela banca no exame de qualificação por contemplar a amostra em questão e por este trabalho não abrir a amplitude necessária para a discussão de gênero.

Escola	Idade						
	15	16	17	18	19	20	21
A	0	28	33	7	0	0	0
B	1	20	56	5	3	0	0
C	0	8	32	16	1	1	0
D	0	26	49	14	5	1	1
Total	1	82	170	42	9	2	1
Percentual	0%	27%	55%	14%	3%	1%	0%

Tabela 1 – Percentual da idade de jovens estudantes do Ensino Médio distribuído por escola e idade

Na tabela 2 observa-se a maioria dos jovens residentes no município há mais de 16 anos ou natural na cidade. Dentre aqueles que residem na cidade há 15 anos ou mais observa-se maior incidência nas escolas A e D.

Nesta amostra há também jovens residentes de cidades vizinhas que, por não encontrarem vagas em escolas próximas de suas casas, foram matriculados em escolas de Carapicuíba, onde há grande número de vagas oferecidas no período noturno.

Escola	Tempo de residência no município					
	1 ano ou	2 a 5 anos	6 a 10 anos	11 a 15	16 a 20	Não residentes
A	7	8	5	5	42	1
B	0	4	12	17	0	52
C	0	3	6	14	31	4
D	2	5	6	13	68	2
Total	9	20	29	49	141	59
Percentual	3%	6,5%	9,4%	16%	46%	19%

Tabela 2 – Tempo de residência no município

A tabela 3 indica 60% dos jovens da amostra como atuantes no mercado de trabalho atualmente representando 173 participantes na pesquisa. Na distribuição entre os sexos, os números indicam uma porcentagem maior para jovens do sexo masculino 75% e de 43% para as jovens que atuam no mercado de trabalho.

Condição no Mercado de Trabalho	Feminino		Masculino	
	n	%	n	%
Trabalha	75	50%	98	62%
Não trabalha	63	42%	54	34%
Não respondeu	11	8%	6	4%
Total	149	100%	158	100%

Tabela 3 – Condição dos Jovens no Mercado de Trabalho, distribuição por sexo.

Os relatos indicam maior cobrança para o ingresso no mercado de trabalho por parte dos familiares dos jovens do sexo masculino, enquanto as meninas são mais “toleradas” a depender da renda familiar e prorrogar o início da carreira profissional.

Os dados apontam uma maioria de jovens trabalhadores em situação de primeiro emprego, representando 61% do total daqueles que possuem ocupação remunerada, conforme mostra a tabela 4.

Sexo	1º. Emprego		
	Sim	Não	Não respondeu
Feminino	48	27	0
Masculino	58	4	36
Total	106	31	36
Percentual	61%	18%	21%

Tabela 4 – Situação de 1º. Emprego para Jovens Trabalhadores.

De acordo com a tabela 5, entre os 173 jovens empregados, o maior índice de permanência em uma ocupação profissional foi de até um ano, representando 65% do total da amostra. Nota-se diminuição gradativa até quatro anos de permanência em um mesmo emprego. Após este período a amostra indica casos isolados, sendo de 5 anos para um caso do sexo feminino e outro de 6 anos para um jovem do sexo masculino.

Sexo	Tempo de Permanência – em anos						
	1 ou -	2	3	4	5	6	Não respondeu
Feminino	41	9	2	1	1	0	21
Masculino	71	11	6	3	0	1	6
Total	112	20	8	4	1	1	27
Percentual	65%	11%	5%	2%	0%	0%	16%

Tabela 5 – Período de Permanência em um mesmo emprego.

Sobre a área de atuação, observa-se na tabela 6 que o sexo feminino é predominante nas áreas administrativas, de atendimento e vendas, sendo a

incidência maior na área administrativa com 19% do total de participantes na pesquisa.

Na área de prestação de serviços, o segundo maior índice, é freqüente a presença jovens do sexo masculino, representando 24%, enquanto 8% das jovens trabalham na área. Entre as principais ocupações do setor destacam-se: instalador de som automotivo, instalador de *insulfilme*, auxiliar mecânico, vidraceiro e garçom. Para as jovens, as vagas na mesma área são: manicure, cabeleireira, babá e auxiliar de transporte escolar.

O setor técnico mostra predominância de jovens do sexo masculino, sendo 14% do total daqueles que afirmaram trabalhar. Dentre os jovens profissionais desta área há formados por escolas técnicas e outros que afirmaram ter aprendido o ofício através da convivência com profissionais da família ou outras pessoas próximas.

As áreas de teleatendimento e atendimento representam grande parte das vagas oferecidas para profissionais jovens, sem experiência e residentes na região, de acordo com dados da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Social e Trabalho. Assim, entre os trabalhadores de atendimento, há igualdade entre os sexos, com pequena maioria para o sexo feminino, sobretudo no teleatendimento que contempla as empresas de telemarketing instaladas no entorno.

Na área de produção há igualdade entre os sexos com pequena margem de maioria para jovens do sexo masculino que afirmaram o oferecimento de vagas nesta área preferencialmente para profissionais com experiência. Conseqüentemente, não há um grande número de casos de contratação nesta amostra, que pode ser explicado pelas exigências das empresas para a contratação de mão de obra sem experiência profissional.

Área	Sexo				% Total
	Feminino		Masculino		
	n	%	n	%	
Administração	33	19%	26	15%	34%
Atendimento	11	6%	9	5%	11%
Serviços	14	8%	24	14%	22%
Produção	1	1%	3	2%	3%
Técnica	0	0%	24	14%	13%
Vendas	11	6%	3	2%	8%
Jurídica	1	1%	0	0%	0%
Financeira	1	1%	0	0%	0%
Não	1	1%	11	6%	7%
Total	73	43%	100	58%	100

Tabela 6 – Áreas em que os Jovens Atuam no Mercado de Trabalho.

A tabela 7 mostra a condição salarial dos jovens. Na amostra a remuneração da maioria dos jovens é de um salário mínimo, presente nas mais diversas áreas e em ambos os sexos. Comparando o número de jovens em situação de 1º emprego (tabela 4), é possível observar que o recebimento de 1 salário mínimo não é exclusivo para aqueles que ingressar no mercado de trabalho, representando 69% do total de jovens que responderam a pergunta. Contudo, há alguns casos de remuneração entre 4 e 5 salários mínimos, 3% do total, para jovens trabalhadores que atuam nas área industrial, administração e vendas.

Salários	Sexo	
	Feminino	Masculino
1	65	54
2	2	2
3	7	11
4	0	1
5	1	1
Não	0	29
Total	75	98

Tabela 7 – Quantidade de Salários recebidos por Jovens Estudantes/trabalhadores.

Na tabela 8 observa-se que, dentre os jovens trabalhadores, 59% possui registro na carteira de trabalho. Dentre esses, a maioria é do sexo masculino, representando 37% do total de jovens trabalhadores com situação trabalhista assegurada através do registro, enquanto para jovens do sexo feminino o índice é de 22% dentre os participantes na pesquisa.

Sexo	Registro na Carteira				Total
	Sim		Não		
	n	%	n	%	
Feminino	39	22%	36	21%	75
Masculino	63	37%	35	20%	98
Total	102	59%	71	41%	173

Tabela 8 – Jovens trabalhadores que possuem Registro Profissional na Carteira de Trabalho.

Durante a realização das entrevistas muitos jovens apresentaram dúvidas sobre os benefícios trabalhistas, mostrando desconhecimento da legislação trabalhista e das Políticas Públicas para inclusão, proteção e qualificação direcionadas ao jovem trabalhador. A constatação evidencia a condição atual dos jovens, assim como de uma parcela total dos trabalhadores atualmente no mercado de trabalho, quando as ocupações não asseguram os benefícios trabalhistas assegurados por lei,

A tabela 9 mostra que dentre os 59% do total de jovens que possuem registro na carteira de trabalho (tabela 8), os benefícios trabalhistas são oferecidos a 46%. Entre os sexos, há uma pequena maioria do sexo masculino.

Sexo	Recebimento de Benefícios			
	Sim		Não	
	n	%	n	%
Feminino	36	21%	39	22%
Masculino	43	25%	55	32%
Total	79	46%	94	54%

Tabela 9 – Recebimento de Benefícios Trabalhistas para Jovens Trabalhadores.

Entre os benefícios recebidos, 40% recebem vale transporte, 33% vale refeição, 12% vale alimentação e 7% cesta básica. Nota-se a preferência pelo oferecimento de benefícios que contemplem as necessidades básicas de alimentação e transporte, mas poucos são aqueles que recebem subsídios para saúde e não há casos de auxílio para educação. Dentre os últimos descritos, os

mais frequentes são: 5% assistência médica, 2% seguro de vida e 1% assistência odontológica.

Durante a aplicação do questionário, ouvimos depoimentos sobre o significado dos benefícios como fonte de orgulho e maturidade. É maior o índice de jovens do sexo masculino que recebem tais benefícios e a maioria deles respondeu destiná-lo para ajudar a família, principalmente na alimentação.

Na tabela 10 observa-se como o principal motivo de ingresso no mercado de trabalho, apontado pelos jovens de ambos os sexos, a busca pela independência, de 32% do total. A independência apontada pelos jovens é, sobretudo, financeira e representa alternativas de melhoria nas condições de vida. O segundo maior percentual é a dificuldade financeira, correspondendo a 28%, que segundo os relatos dos jovens, é determinada por dois principais motivos: condições familiares e busca por obter uma fonte de renda para financiar os projetos de futuro, principalmente poupar para investir na qualificação profissional.

Outros motivos apontados estão o medo do desemprego, frequente tanto para os jovens atualmente empregados, quanto para aqueles que ainda não tiveram sua primeira experiência profissional. Há linearidade nas respostas sobre garantia de sucesso a partir do investimento na formação profissional por meio da educação. Em contrapartida, alguns jovens preferem obter qualificação profissional através da experiência oferecida pela atual colocação de trabalho, vista como fonte de estabilidade e estímulo para aprendizagem de ofícios através de pessoas próximas, mesmo entre aqueles que não gostam da função.

Motivos	Sexo				% Total
	Feminino		Masculino		
	n	%	n	%	
Crescimento Profissional	0	0%	4	2%	2%
Aprendizagem	0	0%	1	1%	1%
Dificuldades Financeiras	22	13%	27	15%	28%
Busca por Estabilidade Profissional	0	0%	9	5%	5%
Independência	23	12%	37	20%	32%
Responsabilidade	0	0%	1	1%	1%
Curiosidade	0	0%	1	1%	1%
Busca por Experiência	1	1%	0	0%	1%
Ampliar/Adquirir conhecimentos	3	2%	0	0%	2%
Necessidade de prática por curso de qualificação	1	1%	0	0%	1%
Estímulo pela falta de pessoal qualificado	1	1%	0	0%	1%
Pressão Familiar	0	0%	1	1%	1%
Qualidade de vida	1	1%	0	0%	1%
Não responderam	23	13%	17	10%	23%
Total	75	44%	98	56%	100%

Tabela 10 – Motivos do Ingresso no Mercado de Trabalho.

Sobre a procura por colocações profissionais, observa-se na tabela 11 a internet como a ferramenta mais usada para busca de oportunidades de trabalho, motivo justificado pelo tempo que os jovens passam navegando na

internet e utilizando a ferramenta nos mais diferentes recursos, que representa 43%. A indicação de familiares e/ou amigos aparece como a segunda maior forma de ingresso no mercado, apontando 36%, e, em muitos casos de jovens desta amostra, o início da carreira profissional acontece em pequenas empresas e no comércio local de propriedade de pessoas próximas, onde o trabalhador iniciante assume um ofício já realizado por outras pessoas da família. Há casos de jovens que buscam por jornais de emprego e outros que preferem entregar currículos pessoalmente, visto como uma forma de apresentar-se diante de uma possível oportunidade profissional.

Maneiras ⁸	Sexo				% Total
	Feminino		Masculino		
	n	%	n	%	
Indic. de Familiares	98	25%	43	11%	36%
Internet	110	29%	56	14%	43%
Jornal	37	10%	19	5%	15%
Outros	15	4%	7	2%	6%
Total	260	68%	125	32%	100%

Tabela 11 – Formas de busca por Oportunidades de Trabalho.

Quando perguntados sobre os programas de políticas públicas para o ingresso, qualificação e/ou proteção do jovem no mercado de trabalho, a tabela 12 mostra que 50% desconhece os programas e, em alguns casos, até mesmo outras instituições instaladas na região voltadas para esse fim.

⁸ Nesta pergunta o jovem pôde optar por mais de uma resposta e o percentual foi calculado pelo número total de respostas.

Contudo, jovens do sexo feminino responderam saber de alguns programas disponibilizados e apontaram dificuldades na busca pelas oportunidades oferecidas pelos serviços públicos, já que as Secretarias Municipais que oferecem serviços separadamente, em locais distantes e as informações não são sistematizadas para chegar ao conhecimento da população.

Sexo ⁹	Conhecimento dos Programas de Inclusão e Qualificação					
	Sim		Não		Não	
	n	%	n	%	n	%
Feminino	47	16%	62	21%	40	14%
Masculino	26	4%	84	29%	48	16%
Total	73	20%	146	50%	88	30%

Tabela 12 - Conhecimento por parte dos jovens dos Programas de Inclusão e Qualificação Profissional disponíveis no município e região.

A tabela 13 mostra que a grande maioria dos jovens busca pelos programas de inclusão no mercado de trabalho e o mais procurado é o Jovem Cidadão, seguido pelo ProJovem. Ambos os programas, oferecem capacitação profissional e, no caso do Jovem Cidadão, encaminhamento para o mercado de trabalho. Em ambos os casos, há divulgação das vagas oferecidas nas escolas e nas Secretarias da Educação e do Desenvolvimento Econômico, Social e Trabalho.

O terceiro programa mais citado foi o Emprega São Paulo, um serviço de captação de vagas e encaminhamento de profissionais para o mercado de trabalho, oferecido pela Secretaria Estadual do Trabalho e Emprego. Apesar

⁹ Nesta pergunta o jovem pôde optar por mais de uma resposta e o percentual foi calculado pelo número total de respostas.

de não focar a população jovem, oferece um cadastro via internet e por ser amplamente divulgado nos meios de comunicação chama a atenção do público jovem. O Menor Aprendiz aparece como quarto mais procurado, mas como é direcionado para menores de 18 anos e não abrange toda a população de alunos do Ensino Médio. Outros programas/instituições como CIDAP, CAMP e CIEC, oferecem formação e nos dois últimos casos, estão localizados em cidades vizinhas e, como existe a necessidade de um investimento financeiro, não há muita procura por parte dos jovens.

Programas ¹⁰	Sexo			
	Feminino		Masculino	
	n	%	n	%
NUBE	1	0%	0	0%
CIEC	1	0%	0	0%
CAMP	2	0%	2	0%
ProJovem	9	3%	5	3%
Jovem Aprendiz	4	1%	4	1%
Menor Aprendiz	2	0%	2	0%
Jovem Cidadão	13	5%	10	5%
SENAI	0	0%	1	0%
Emprega São Paulo	11	3%	1	0%
CIDAP	0	0%	1	0%
Portal do Trabalhador	0	0%	1	0%
Não respondeu	106	35%	131	44%
Total	149	47%	158	53%

Tabela 13 – Conhecimento dos programas de inclusão e qualificação profissional disponíveis no município.

¹⁰ Nesta pergunta o jovem pôde optar por mais de uma resposta e o percentual foi calculado pelo número total de respostas.

A tabela 14 mostra que a maioria não respondeu sobre a interferência do trabalho no desempenho escolar (88 jovens). Dos 85 entrevistados que responderam, apenas 2 disseram que não interfere. Os demais consideraram o trabalho como aspecto negativo e afirmaram sofrer com a interferência do mesmo na realização das tarefas educacionais, destacando como principal motivo à falta de tempo para realizar outras tarefas, sobretudo para trabalhos escolares. O segundo maior motivo apontado foi o desgaste físico que interfere na disposição em sala de aula e alguns afirmaram dormir ou cochilar durante as aulas, por conta das poucas horas de sono durante a semana.

Motivos	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	n
Falta de Tempo	23	28	51
Desgaste Físico	15	16	31
Não interfere	1	2	3
Não respondeu	36	52	88
Total	75	98	173

Tabela 14 – Descrição das principais formas de interferências do trabalho nos estudos.

Sobre a insatisfação com a atual ocupação 28% dos jovens do sexo masculino e 26% das jovens do sexo feminino afirmaram insatisfação. Nestes casos, houve relatos de mudança na atual situação e o desejo de investir na educação, mas impedida pela dificuldade de aceitação pelos familiares da saída do atual emprego.

A maioria dos jovens pretende dar continuidade aos estudos e mesmo entre os insatisfeitos, existe a pretensão de investimento na mesma carreira como alternativa de obter estabilidade profissional e também como

valorização da oportunidade oferecida, mais frequente entre os jovens do sexo masculino. Além disso, pode-se considerar a intenção de continuidade dos estudos como associada à exigência de qualificação pelo mercado de trabalho.

Dentre os que não pretendem continuar os estudos, há casos de jovens que se consideram conhecedores da técnica necessária para o desempenho de seu trabalho e, portanto, qualificados para a função que desempenham. O comportamento ocorreu entre os que trabalham na área técnica onde, segundo relatos dos próprios jovens, o conhecimento pode ser adquirido através da experiência prática.

A tabela 15 mostra que os projetos de futuro profissional da maioria dos jovens que responderam ao questionário envolve a continuidade dos estudos. A escolha das áreas de conhecimento pelos jovens, mesmo diante das inovações técnicas e tecnológicas na educação, envolve áreas e profissões tradicionais. A diferença entre os interesses aponta que a maioria pretende investir em cursos de Ciências Exatas, mais especificamente em cursos de Engenharia, Matemática e Química, procurados na maioria dos casos, por jovens do sexo masculino. A segunda maior procura foi pelos cursos de Ciências Humanas, nas mais diversas áreas, como Letras, Psicologia, Administração e Recursos Humanos, sendo que nesta área muitos jovens já trabalham com Administração e Recursos Humanos e pretendem investir por considerarem boas colocações. Dentre as Ciências Biológicas, as Ciências Médicas tiveram destaque, principalmente para as entrevistadas, mas sempre com o discurso de dificuldades financeiras decorrentes do alto custo de suposto curso de Medicina.

Áreas	Sexo				Total
	Feminino		Masculino		
	n	%	n	%	
Ciências	32	10%	10	3%	42
Ciências Exatas	47	15%	90	30%	137
Ciências	37	12%	59	19%	96
Não respondeu	32	11%	0	0%	32
Total	148	48%	159	52%	307

Tabela 15 – Áreas de Interesse para Formação de Nível Superior.

Em síntese, o perfil apresenta a realidade dos jovens de baixa renda que ingressam no mercado de trabalho precocemente em busca de independência. Contudo, essa a independência, em muitos casos, decorre da necessidade de ajudar nas despesas domésticas e em obter bens de consumo e planejar o futuro.

O ingresso precoce afeta diretamente nas escolhas e na vida social, pois o desgaste físico os afasta dos amigos e do convívio familiar. A rotina de trabalho afeta a saúde e o desempenho escolar e o pouco investimento na escola impede a aprendizagem de conteúdos necessários para a vida.

Desta forma, a entrada precoce no mercado de trabalho para jovens pobres mostra-se como uma inclusão perversa que afeta a saúde e desempenho escolar, por colocar o jovem em uma condição de tamanha responsabilidade e em uma rotina em que não há espaço para investir nas atividades escolares.

Poucos conhecem os programas de Políticas Públicas, mas nota-se que, entre os jovens que foram contratados pelo ProJovem, Jovem Aprendiz e Menor Aprendiz, os direitos são assegurados. Contudo, para a maioria dos entrevistados, a situação de trabalho é fonte de desgaste físico que traz

prejuízos ao desenvolvimento, mas diante da valorização do trabalhador como significado de boa conduta, muitos investem na atual ocupação enquanto fonte de amadurecimento e responsabilidade, assim como aprendizagem de um ofício como fonte de crescimento.

Assim, a relação entre trabalho e educação apresenta-se de forma dialética na vida do jovem, pois ao mesmo tempo em que se sentem desgastados e afastados de atividades agradáveis pela rotina do trabalho, a valorização pelas conquistas alcançadas e o trabalho prejudica os estudos, eles não desistem de trabalhar e estudar, mesmo que signifique afetar sua a saúde e seu desenvolvimento. Apesar da rotina, pretendem dar continuidade aos estudos, a formação atual também não é vista como relacionada à vida prática e profissional.

7. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

7.1 Descrição dos sujeitos

Fernanda tem 18 anos e é atendente de restaurante. Trabalha também aos finais de semana. Seu primeiro emprego foi como babá e afirma já ter cuidado de muitas crianças. Algumas, ela ensinou a andar e falar enquanto suas mães trabalhavam fora. Boa parte de sua renda é destinada à ajudar nas despesas da família, composta por ela, a mãe e cinco irmãos. Apesar de todos trabalharem, alguns irmãos não ajudam nas despesas da família. Pretende ser Policial Militar.

Paulo tem 18 anos e mora com o pai e dois irmãos em Carapicuíba desde os 15 anos. É auxiliar administrativo em uma transportadora e considera sua tarefa muito estressante. Já foi vendedor de calçados e pretende investir futuramente em um curso superior, talvez de Música, pois o pai tem uma dupla sertaneja com um irmão e diz identificar-se muito com a atividade. Em sua casa, todos trabalham para ajudar nas despesas familiares, já que o pai teve um pequeno negócio que teve que ser fechado por conta das apresentações.

Daniela tem 18 anos e está cursando o terceiro ano do Ensino Médio pela segunda vez. Diz estar arrependida por ter se envolvido com amigos “errados” no ano anterior, principal motivo da sua permanência por mais um ano na escola. A reprovação por faltas também foi resultado do cansaço em acordar muito cedo para trabalhar e não ter ânimo para estudar. Atualmente, mudou de turma na escola e trabalha na Coordenação Operacional de uma empresa de manutenção. Pretende fazer faculdade de Administração ou Comércio Exterior. Mora com os pais e a renda da família é de três salários mínimos. Diz não ajudar nas despesas domésticas.

Benício é um jovem de 18 anos que se diz muito comunicativo, brincalhão e até bagunceiro, mas um bom aluno. Os pais se separaram há seis meses e ele decidiu que precisava ajudar a mãe a cuidar da casa e dos três irmãos mais novos. Trabalha como supervisor de vendas, mesma profissão da mãe e seu salário é investido nas despesas domésticas, no pagamento do dízimo da igreja, algumas compras, prestação de um computador e investimento em uma poupança para a futura carreira profissional, provavelmente na área de Informática. Diz ser responsável pelos irmãos mais novos e sente-se muito feliz em poder ajudá-los por meio de seu salário.

Denise tem 18 anos, é uma jovem nascida em Igaci no Estado de Alagoas e mora em Carapicuíba há quatro anos. Disse ter sofrido muito para se adaptar à cidade e aos hábitos, mas hoje pretende continuar em São Paulo, fazer um curso técnico em Enfermagem para futuramente conseguir realizar o sonho de ser médica. Trabalha como vendedora em uma banca de frutas próxima da estação de trens da CPTM – Companhia Paulista de Trens Metropolitanos - e diz que sua beleza auxilia nas vendas. Sua família mora em uma casa alugada e a renda é em média de três salários mínimos para quatro pessoas. Diz ajudar nas despesas da casa, mas ter uma caixinha e uma poupança onde guarda dinheiro para o futuro.

César é um rapaz tímido de 19 anos que começou sua trajetória como jovem aprendiz em uma empresa de contabilidade. Diz que, muitas vezes, as pessoas subestimam os jovens e não permitem que a potencialidade seja desenvolvida. Atualmente, não está trabalhando e sente-se incomodado com a situação. Busca oportunidades na área de Marketing e Publicidade, pois acredita ser criativo e habilidoso, qualidades em que pretende investir profissionalmente no futuro. A mãe e a irmã estão cursando o Ensino Superior através do PROUNI – Programa Universidade para Todos -, um programa que

oferece bolsas de estudos para pessoas de baixa renda. As duas o estimulam a continuar estudando.

Clara é uma jovem de 18 anos que mora em uma cidade próxima, mas precisou estudar em Carapicuíba pela falta de vagas no período noturno em escolas próximas de sua casa. Foi Menor Aprendiz e hoje seu irmão também possui essa ocupação na mesma empresa. Trabalha na área administrativa de uma empresa e ajuda nas despesas da casa, pois a mãe, apesar de ter concluído o ensino Superior, trabalha como ajudante geral em um escritório. Seu salário é dividido entre o pagamento de algumas contas fixas da casa, contas pessoais, algumas compras e uma pequena poupança para investimento em um curso superior.

André tem 18 anos e é um jovem comunicativo que iniciou sua trajetória profissional aos 12 anos como “segurador de faixas” de propaganda para um posto de gasolina em São Paulo, colocação que conseguiu sozinho conversando com o proprietário do estabelecimento. É um líder entre os colegas de turma e está feliz com o término do Ensino Médio, mas triste pela perda do convívio com os amigos. Mora com a mãe e dois irmãos mais velhos e, segundo relata, as despesas da casa são pagas por ele e mãe. Mostrou satisfação ao relatar ter mantido a casa e comprado remédios durante um período em que a mãe esteve doente. Atualmente, está desempregado e pretende cursar Secretariado Executivo Bilíngüe.

7.2 Unidades de Significado e Discussão

A análise dos sentidos de trabalho foi realizada através do método de compreensão da base afetivo-volitiva envolvida no discurso dos entrevistados.

Na primeira parte, apresentamos uma descrição detalhada do contexto onde o estudo foi realizado, situando os sujeitos e o contexto da comunidade,

considerando as questões históricas, econômicas e sociais envolvidas na vida de jovens submetidos a uma condição dialética de exclusão e inclusão social.

Nesta, objetivamos fazer uma análise mais aprofundada dos sentidos, inserindo-os na história de vida de cada um entrevistados. Para tanto, inicialmente, foram levantadas as unidades de sentido de cada uma das entrevistas e a comparação entre elas. A partir da organização dos discursos dentro das unidades de sentido, foi feito levantamento de hipóteses sobre a relação entre sentidos e os significados socialmente dominantes, e as bases afetivo-volitivas envolvidas no processo de construção dos sentidos. As categorias levantadas foram as seguintes:

7.2.1. Motivo de Ingresso

Sobre os motivos de ingresso no mercado de trabalho, o discurso mostra a busca por independência diretamente relacionada com a autonomia em ter seu próprio dinheiro para adquirir aquilo que deseja, encarado como necessidade.

“Ai, é bom, é como se eu sentisse independência, sem depender da minha mãe, do meu pai, pra você comprar uma roupa, ter um objetivo assim. Nossa, eu posso guardar cem por cento do meu salário pra quando eu sair, ter um dinheiro, alguma coisa!” Cesar

A independência desejada está relacionada à autonomia para planejar um futuro e ter recursos financeiros suficientes para isso.

“Ah, eu comecei a procurar emprego, trabalho, por que eu quero ser independente. Preciso pagar minha faculdade!” Daniela

Porém, observa-se a necessidade de contribuir com a família como determinante para começar a trabalhar, principalmente entre os jovens que moram apenas com a mãe e irmãos. Nestes casos, os jovens assumem um papel de responsabilidade frente às despesas da família.

“Ah, ter minha própria responsabilidade, mesmo sendo nova eu comprar minhas coisas, ter minha, meu dinheiro, ajudar minha mãe.” Clara.

“Assim, vontade de ajudar minha mãe, porque, assim, também quando eu quero as coisa. Eu penso nisso, não tem só eu pra ela me ajudar, tem meu irmão também e ela não ganha muito e agora mesmo ela está desempregada, !? É, e ajuda, ajuda na casa também. Eu pensei em arrumar um bom emprego pra comprar minhas coisas não só espera por ela, também.” Denise

7.2.1.2 A pressão do grupo familiar diante das próprias escolhas

Mesmo diante da indicação para uma oportunidade de trabalho, que em alguns casos representa uma colocação melhor, observa-se o desejo de prorrogar o ingresso no mercado de trabalho e se preparar para o futuro através do estudo. Nota-se o desejo de retorno à brincadeira para os jovens que começaram a trabalhar precocemente, como um retorno para a realização de prazerosas que a infância proporciona.

*“Minha mãe falava para trabalhar e eu não queria. Eu queria começar, inicia o serviço com dezoito anos de idade, né. Eu queria o quê? Estudar, é brincar, tipo aquela vida de menino, sabe?”
Benício*

Os jovens do sexo masculino, como apontam os resultados apresentados no capítulo 6, afirmaram receber maior pressão para iniciar uma carreira profissional, enquanto as meninas são mais toleradas a depender da renda da família. Todas as mudanças provocadas pela rotina de trabalho afastam as atividades descontraídas, prazerosas e quase infantis da vida do jovem.

As relações sociais também empurram o jovem para o mercado de trabalho, pois necessita do dinheiro para as atividades sociais, fator que ocorre nos casos de irmãos mais velhos à responsabilidade pelos irmãos mais novos.

“Não é que eu gasto, eu compro o necessário, compro roupa. Agora estou namorando, comecei a namorar agora, aí tem que levar a namorada pra passear. Eu dou coisas para o meu irmão, ele que uma calça, essas modinha de “emo”. Sabe essas calças apertadas?” Benício.

7.2.2. Os pais ajudam a arrumar os empregos

A inexperiência e a falta de qualificação colocam os jovens em desvantagem nos processos seletivos e, diante do aquecimento da economia local, são indicados para oportunidades próximas de suas casas em pequenos empreendimentos.

“[...] esse na verdade não fui eu que arrumei, ela foi à minha casa atrás de mim. Eu não tava trabalhando e ela precisava de uma pessoa. Eu fui né, eu já procurei muito mais ninguém chamava!” Fernanda.

“Pelo fato desse ser o meu primeiro emprego foi por indicação. Como meu pai é músico, então, ele conhece muita gente, então, meu pai falou: - Ah, meu filho está precisando trabalhar, coisa e tal. Eu que falei desse papo pra ele. Aí a moça falou: - Ah, vai sair um funcionário nosso, a gente pode colocar ele. Mas ele é de menor? Não, não tem problema, menor como ele, vai fazer dezessete anos no outro ano, já dá pra registrar!” Paulo

Em alguns casos, a indicação também ocorre para oportunidades em empresas de grande porte que exigem determinadas atributos que inicialmente excluiriam jovens de processos seletivos para tais vagas. Porém, algumas empresas aceitam indicações e, nestes casos, há possibilidade contratação, mesmo sem a qualificação necessária ou experiência.

“Então, eu mando currículo. Na verdade, esse emprego aqui é devido à minha mãe trabalhava nessa empresa, onde estou trabalhando agora e a supervisora dela pergunta se eu tava trabalhando.” Benício

7.2.3. A preparação de um personagem para o Mercado de Trabalho

Diante dos processos seletivos, a pouca idade, a falta de qualificação e experiência são alguns dos obstáculos vivenciados pelos jovens, além das seleções para as “melhores oportunidades” que incluem contratação CLT e benefícios, cria-se um personagem que represente as características exigidas pelo mercado de trabalho e descaracterizam o jovem em suas peculiaridades adolescentes.

“... porque eu achei que quando me chamaram pra fazer entrevista, eu falei: ‘-Ai meu Deus, vai ter só gente mais velha que eu, eu não vou passar, não vou passar! Mas fui, fui, tirei meus brincos, fui de social, tava super chique! Cheguei lá ‘mós’ molecadas, dezesseis, dezessete. Aí já olhei assim: - Meu Deus, aí gente de boné, cabelo arrepiado! Porque eu acho que dá má impressão se você for fazer entrevista com alargador e piercing. Eu acho que não é uma coisa boa, entendeu? Nem te conto! Aí, cheguei lá pra fazer a entrevista, aquela molecada lá, dezesseis, dezessete anos, aí falei: - Aí meu Deus!’ André

7.2.4. Os Programas de Inclusão e Qualificação Profissional

De acordo com os relatos dos jovens, os programas para inclusão no mercado de trabalho e qualificação profissional implantados no município não são bem divulgados. Alguns afirmaram desconhecer as possibilidades de qualificação profissional oferecidas pela administração municipal gratuitamente e investem o salário no custeio de cursos de qualificação profissional em instituições particulares.

Dentre os que tiveram oportunidades através do Menor Aprendiz e do Jovem Aprendiz, há aqueles que vêem a oportunidade como uma forma de garantir uma ocupação adaptada as necessidades do jovem. Mesmo entre aqueles que criticam por se sentirem menosprezados no trabalho pela condição de menor, porém para todos é evidente a garantia de direitos.

“Eu acho bom, desde que o programa tenha responsabilidade com o aluno, porque tem outros tipos, que faz dois anos e nesses dois anos você tem como aprender muito mais. Tipo, no meu estágio eu não aprendo, eu em um ano eu aprendi muita coisa [...]. Isso porque se eles realmente investissem daria um lucro maior pra empresa, porque você entra com o pensamento que render até.”
Cesar

Segundo os relatos, existe a dificuldade para os jovens causada pela falta de uma organização das empregadoras, pois em alguns casos estes são direcionados apenas para tarefas indesejáveis, por vezes rejeitadas por outros funcionários mais velhos e desfavorecedoras do desenvolvimento de suas habilidades.

“[...] as pessoas iam me ver com uma melhora. Iriam me ver como um. Me dá mais responsabilidade. Iriam ter medo de outra forma, medo de tomar uma, da minha capacidade. É mais competitivo, eu sendo menor, menor aprendiz. Então, estou lá pra aprender, as pessoas não dão, o que elas não querem fazer elas vão te dá.”
Cesar

7.2.5. Sofrimento no trabalho

Observa-se que, durante a primeira oportunidade profissional, a grande maioria ainda é muito jovem e sem nenhuma qualificação profissional. Conseqüentemente, as colocações relatadas são precárias, fisicamente desgastantes; fonte de sofrimento e insatisfação. Por isso, há relatos de muitos desistem nas primeiras semanas.

“[...] primeiro foi naquele que eu te falei que eu segurei faixa no farol. Depois que eu fui ao posto [...] Acho que eu tinha uns doze, pra treze, era lá em Pinheiros, acordava cinco horas da manhã. Porque o tio do meu amigo trabalhava no posto BR lá em Pinheiros e precisava divulgar a faixa da gasolina que estava barata [...] Aí, meu amigo foi e falou que precisava, eu falei: - Vamos! Ai a gente acordava todo dia cinco e meia da manhã, tinha que estar lá às sete. A gente descia em Osasco pegava aquele trem lindo, descia

em Pinheiros, andava uns dez minutos, chegava ao posto e ficava lá, das oito, era das oito até as quatro, segurando faixa, segurando faixa. Aí, tinha uma hora de almoço, depois voltava e ia embora e ia e no outro dia.” André

“... eu era Office boy, lá em, na, na Barra Funda (...) Fiquei umas três semanas... Eu levantava cinco horas da manhã, nossa era muito horrível, tipo eu gostava de estudar, eu não gosto de estudar a noite até hoje, mas já acostumei, de manhã ano passado era bem melhor tudo.” Benício

A organização da rotina diária como necessidade para conciliar as atividades é vivenciada por muitos jovens. A reclamação sobre a falta de tempo para realizar atividades de lazer é muito presente, principalmente entre aqueles que trabalham em cidades próximas e dependem de transporte público para se deslocar até o trabalho. Entre os jovens submetidos a poucas horas de sono e a longos trajetos casa-trabalho e trabalho-casa/escola, que os obriga a abrir mão de horas de sono, os períodos de intervalo tornam-se exclusivos para o descanso e, as atividades do cotidiano são realizadas rapidamente, causando prejuízos à saúde.

“Ai, é corrido, eu acordo cinco e meia tomo meu banho até no máximo cinco e quarenta, cinco e cinquenta, me arrumo e seis e quarenta e cinco em ponto. Eu tenho que sair de casa, pego o ônibus correndo sete horas. Tenho que correr, senão eu não pego o trem sete e vinte. Aí, entro no trem, durmo, por que eu estou muito cansada, que eu vou dormir todo dia meia noite. Ai, pego e durmo chego lá sete e quarenta e cinco, por que eu pego o trem sete e vinte, chego à Lapa sete e quarenta e cinco. Corro por que é quinze minutos até chega ao meu serviço. Vou correndo, andando rápido, chego lá fico até as cinco. Cinco horas, eu sai até, eu não saio cinco horas em ponto, eu saio cinco, quatro e cinquenta e sete, todo dia, meu chefe nem fala mais nada e tenho que corre pra pega o trem das cinco e cinco.” Clara

“Então, eu acordava mais e eu ficava mais ou menos até meio dia estudando, fazendo o que eu tinha pra fazer. Quando tinha prova,

alguma coisa do tipo ou se eu fosse entrar cedo eu ia estudando no ônibus, lendo no meu horário de almoço, eu comia rapidinho em uma hora! Vamos supor em uma hora! Comia rapidinho, fazia o que eu tinha pra fazer, lia alguma coisa gravava e ficava pensando e trabalhando não posso esquecer, não posso esquecer, nunca me atrapalho." André

A rotina dos jovens trabalhadores revela situações humilhantes para pessoas em idade para experimentação de situações decisivas para o desenvolvimento. Porém, os significados da dificuldade são digiridos para a responsabilidade daquele que vivencia o sofrimento, desconsiderando as condições de trabalho e de inexistência de suporte por parte do empregador, revelando com conteúdo de significação ideológica, onde a competência individual é considerada fonte de sucesso ou fracasso.

“Que eu já passei, ham [...] Foi quando eu trabalhava na loja X que [...] você tem que tirar os pinos das roupas quando compra, a marca, e eu não tirei. Esqueci. Aí, chega, uma cliente..., quando ela saio na porta apito. Aí, o segurança foi atrás dela,. Ela passou o maior carão! Era sábado e a loja estava cheia, ai ela passou por mim, ela veio exatamente em mim, e começou, começou, começou, começou, começou a falar. Ela falava assim que, gritava: – Que esse tipo de pessoa.! Que vocês! Que pra vocês! Eu quero falar com o gerente agora! Eu quero saber o seu nome. Eu quero sabe isso. Eu quero sabe aquilo. Meu, esse povo que trabalha aqui não tem experiência alguma!... Foi a maior dificuldade, como eu nunca levei desaforo pra casa, aquela foi a primeira vez, que eu engoli. Eu falei: - Senhora, a senhora pode dizer o que quiser, o gerente já está encaminhado. Aí, veio o gerente, conversou com o gerente, a mulher se acalmou e foi embora. Aí me chamaram, na hora que eu fui lá, começou a falar, falar, falar, conversou, conversou, conversou. Ai levei uma advertência, fiquei dois dias na minha casa, levei advertência. Aí sai, foi a pior coisa que eu já passei. Aí, depois, aí depois, disso que aconteceu, nunca mais houve alguma desavença. Isso, foi muito ruim pra mim, ainda mais que eu não podia me defender da maneira que eu queria, que eu queria.” André

“... tem gente folgada, trata a gente com grosseria. A gente atende com calma, com educação e eles muito grossos, mas não pode falar nada, né!” Fernanda

As situações constrangedoras partem, muitas vezes, dos próprios colegas de trabalho. Segundo relatos, por pessoas que se sentem ameaçadas por profissionais mais jovens. Em outras situações, os jovens sentem-se subestimados por empresas que não oferecem o suporte necessário para a aprendizagem de ocupação ao serem submetidos a realização de tarefas rejeitadas por outros. Também afirmam vivenciar um clima de desvalorização e competitividade.

“É, é complicado isso, e ver que você tem a possibilidade de crescer e a pessoa não que te acua, te prende, é a líder, ela era muito brava, aí tinha o pessoal da área, que tinha medo de pedir alguma informação, de chegar lá e vê que tava errado, depois fazia tudo errado.” Cesar

7.2.6. Vida Social

A vida social do jovem muda categoricamente com o trabalho, afastando o jovem da convivência social em outros espaços. Alguns jovens afirmaram sofrer com final do Ensino Médio pela perda da convivência diária com amigos com quem estudaram durante vários anos. Porém, nota-se o isolamento pela falta de tempo, principalmente para aqueles que trabalham aos finais de semana.

“Ah, mudou, né. Não saio mais, porque geralmente eu fico muito cansada. Não tenho mais nem pique de sair. Eu não tenho mais, fico mais em casa ajudando a minha mãe, chego do serviço ainda vou limpar a casa ainda.” Fernanda

“Mudou, separou totalmente. Não vejo mais ninguém, ninguém me liga, ninguém vai mais na minha casa. Não vai mais, ninguém me chama mais [...] É ruim, é ruim, às vezes eu quero sair não tem ninguém e eu não sou de correr atrás!” Fernanda

“Assim, os meus amigos (risos), eles falam que fiquei chata por causa eles me chamam pra sair e aí eu falo que não vou porque estou cansada. Aí eles falam: - Depois que você começou a trabalhar você ficou muito chata. Aí, eu falei: - Não é isso, você não entende, eu trabalho e eu estudo à noite. Eu tenho que descansar, que na semana eu tenho lição da escola, tenho um monte de coisa pra fazer. Aí o trabalho cansa também bastante a pessoa.” Denise

No entanto, a mudança para um ambiente com pessoas diferentes, a maioria mais velha, favorece o estabelecimento de relações que potencializam a expansão, o amadurecimento através de uma convivência difícil no início, por apresentar uma necessidade de adequação por parte dos jovens a padrões “adultos”, mas que favorecem o desenvolvimento e a quebra de paradigmas.

“Então, no começo eu tava achando meio estranho, né? Porque gente mais velha do que eu, eu chamo de tiazinha. Eu falo: - As tiazinhas! Mas velha do que eu, mas depois eu comecei a conviver, tudo, hoje eu faço amizade. Tem a Maria que eu gosto bastante dela, ela sempre conversa comigo, é ela tinha vontade de casar que ela é viúva faz muito tempo, ela vai casa agora. Estou muito feliz por ela, uma senhora, mó bonitinha [...] Tem a Marta que é da marca X, da marca X, ela é meia chatinha. Às vezes gosta de cuidar da vida dos outros, ela fala: - Tira a barba, está feio! Ai está com o crachá virado ao contrário, ai ela vem querendo me arrumar. Parece minha mãe, fica querendo cuida de mim. Mas é muito legal.” Benício

7.2.7. Otimismo em relação ao futuro do jovem e as oportunidades

A ideia de sucesso representa o modelo liberal em que a dedicação ao trabalho no presente resultará em sucesso profissional. Muitos, mesmo diante das dificuldades apresentadas pelo contexto social, verbalizam um plano de futuro a ser seguido.

“Acho que sim, acho que o que falta é ter objetivo, perspectiva, correr atrás. É, fazer curso também ajuda bastante”. Daniela

Mas, não são ingênuos em relação à desigualdade social. Nota-se o questionamento sobre a desigualdade, a condição financeira como determinante, nas famílias abastadas a “facilidade” para investir na educação e a prorrogação do tempo para ingresso no mercado de trabalho. Porém, entre aqueles que não têm dinheiro é necessário muito esforço, o que, segundo os próprios relatos, pode dar certo.

“As pessoas que tem mais dinheiro, vejo que elas têm mais facilidade, pelo que eu já pela vida até hoje, até agora, né, mas as pessoas pobres têm algumas, tem algumas que dão sorte, e algumas não. A maioria não!” Paulo

“Porque assim, algumas pessoas têm oportunidade por parte do pai, por parte da mãe dos amigos, outros não, Às vezes, também por, pela cor, pelo jeito tem mais oportunidade.” Denise

7.2.8. O valor da Educação

Os relatos indicam que a formação regular é uma etapa necessária para obter a certificação e conseguir uma colocação mediana no mercado de trabalho. Porém, não há entusiasmo por parte dos alunos em relação à formação que recebem na escola. Também há clareza sobre a desigualdade na qualidade da educação entre pública e privada.

“Ai é assim, porque quando, bom, pelo que eu sei, eu ainda não prestei o ENEM¹¹, mas muitos falam que muita coisa que a escola explica não cai no ENEM, eu não sei dizer por que eu não fiz ainda, mas é o comentário. Eu não sei dizer, até a escola particular mesmo, eles falam que muitas coisas que cai no ENEM não tem nada a vê com o cotidiano da escola, com que a escola passo, até em escola particular.” Daniela.

¹¹ ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

Muitos consideram tal relação apenas financeira, um meio para obter um trabalho com melhor remuneração para custear o ensino superior que lhe oferecerá o conhecimento técnico necessário para a atuação profissional.

“Tão associada, com certeza, porque se eu trabalho vou pagar a faculdade, condução”. Daniela

7.2.9. Crescimento Profissional

Nota-se a ideia de crescimento profissional e os projetos de futuro incluídos no investimento a educação, como forma de conseguir melhores oportunidades profissionais. Além disso, tais conquistas futuras estão atreladas ao investimento no trabalho atual e em poupar para custear a qualificação no nível superior.

A qualificação também é significada através de etapas gradativas. Para a maioria dos jovens entrevistados, a formação técnica deve ser feita primeiramente para acrescentar conteúdo ao repertório profissional e oferecer condições financeiras e conhecimento preliminar para a formação de nível superior.

“Crescimento profissional que tem diversas áreas, mas se você nunca se esforçar, ficar acomodado e não acontece nada. Fica parado nesse mundinho, você nunca vai ser alguém na vida, entendeu? Eu mesmo estou guardando dinheiro pra fazer minha faculdade, eu tenho vontade.” Benício

“[..]. assim, primeiro eu quero um curso de Enfermagem, ai depois eu termino, senão eu vou continuar no curso e começo a faculdade de Medicina só por enquanto. Aí, depois de terminar medicina, que vai demorar um pouquinho, bastante, ai começa outro... Ah eu acho que é uma área que eu gosto muito, eu gosto de gente quando fica doente. Eu ajudo!” Denise

“Minha prioridade é fazer uma prova agora pra ETEC¹², para o curso técnico em Informática, Vai ser o quê? Um ano e meio? Assim, estudando como se fosse na escola. Ai depois desse um ano, se eu conseguir passar, que eu sei que eu vou conseguir passar! Aí,

¹² Escola Técnica Estadual

depois que eu terminar esse curso, eu vou entrar na faculdade. Para eu não entrar na faculdade sem sabe nada, tipo estou boiando, falando coisas que eu num sei. Ai vai se mais fácil de eu conseguir está cursando uma faculdade." Benício

7.2.10. Sentidos de Trabalho

Os sentidos de trabalho estão associados à aprendizagem de uma função profissional e de valores para a vida. Contudo, a mesma relação inexistente diante da formação regular indicando que o sentido de educação está atrelado à aplicação para o trabalho e aprendizagem para a vida.

*"... significado do trabalho pra mim, é aprendiz também e para viver a vida, né. Porque se tem que trabalhar para sobreviver, pra comprar alimento, pra ajudar em casa e pra ter experiência. Né?"
Fernanda*

Sair de casa para trabalhar tem um sentido de autonomia frente à família. Quando ao jovem é permitido fazer escolhas e projetos de futuro, o que é visto também como sinônimo de independência financeira.

"Ah, o trabalho é você ter independência, você ter objetivos. A partir desse ano eu tenho objetivo e opção, uma evolução profissional, é o meu ponto de partida pra correr atrás das coisas que eu quiser alcançar." Daniela.

As relações sociais assumem um importante papel na vida dos jovens, pois o comportamento no trabalho exige mudanças na forma de lidar com o outro, de forma a agir com tolerância e equilíbrio emocional. Nota-se o discurso de necessidade de enquadrar aos padrões profissionais.

"Ah, foi bom, acabei, aprendo outras coisa para a vida, que nem lidar com as pessoas e te ver todo dia. Não é como na escola, lá tem ver as pessoas, tem que aguentar às vezes aquela pessoa que passa a perna em você. Ai é muito complicado!" Cesar

Trabalho é sinônimo de ajudar a família nas despesas da casa e muitos assumem um papel de responsabilidade no núcleo familiar, sobretudo diante de irmãos mais novos, mais frequentes nas famílias de renda é menor e/ou para aqueles que residem apenas com a mãe.

“[...] eu gosto muito de ser independente, a minha mãe já passa tantos apuros na minha casa com meus irmãos, que eu nunca consegui ser que nem eles. Graças a Deus! Então, eu sempre quis ser independente assim, quando a minha mãe pede alguma coisa pra mim, eu nunca fala mãe eu não tenho, que ela espera muito de mim. Eu falo: - Mãe, eu tenho. Então, eu gostei sempre de trabalhar pra eu ter coisa pra mim e pra minha mãe, porque eu gosto muito, penso muito na minha mãe, primeiro a minha mãe, depois eu. Então, inclusive minha mãe fez uma cirurgia esses tempos atrás e ela tirou um mioma, e ela precisava de remédio, precisava de alimentos, que ficou se recuperando. Não podia fazer esforço, então, eu assim, eu ajudava minha mãe a tomar banho. Há dois meses atrás, eu ajudava minha mãe a levantar, aí ia comprar alguma coisa pra minha mãe, passava meu cartão pra ela. Estourei meu cartão de crédito” André

O trabalho oportuniza o consumo daquilo que é imposto como parte de produtos que caracterizam o comportamento adolescente.

“Trabalho é possibilidade de lazer. Então, eu também comecei a trabalhar, porque eu gosto de sair, gosto de ter roupa nova, ainda mais essas modinhas de cabelo arrepiado, de corrente, eu uso All Star, uso alguma roupa nova. Eu gosto de ter, eu gosto de ir pra balada, agora que eu fiz dezoito anos, eu vou no América Bar.” André

Também assume o papel de mediador de experiências formadoras de uma boa índole. Nota-se no discurso como a atuação profissional é valorizada por significar ter a própria fonte de renda para adquirir bens de consumo e a “independência” oferecida pelo recurso financeiro.

“Eu não sei, mas acho que quando você trabalha todo mundo vê a gente bem melhor do que antes, porque se já tem seu dinheiro, tem independente, eu acho que é assim, que vê bem melhor.” Daniela.

Pode-se associar a ideia de liberdade ao consumo, pois envolve poder de compra ao incorporar a possibilidade de agir de acordo com seus interesses e pensar os próprios projetos de futuro.

“O que mudou? É que a gente adquiriu mais coisa pra dentro de casa. Conseguiu mudar de casa de valor mais alto, temos mais coisas de eletrodomésticos. Acho que não mudou tanto, muito não, não mudo muito não, não pelo fato de eu trabalhar, de eu estar trabalhando, consegui mais essas coisas. Meu pai ficou mais tranquilo, de estar sabendo que eu estava trabalhando e que ele podia conta comigo. Sempre abri essa opção pra ele.” Paulo.

O investimento necessário para o trabalho interfere não somente no desempenho escolar, mas nas relações sociais, na alimentação e na saúde. Tal rotina reduz o tempo do jovem dedicado às atividades essenciais para o desenvolvimento. Com exceção dos discursos dos aprendizes que tiveram adaptação ao ingressarem no mundo do trabalho, os relatos indicam desgaste físico e pouco interesse em realizar outras atividades.

“[...] hoje eu dormi uma hora da manhã fazendo trabalho e ainda não consegui terminar, é muita correria, cansa! Chego em casa quase seis horas tomo um banho rapidinho.” Benício

“Você chega já cansado, para o lado de fora, você já tem aquele objetivo que tem que se esforça mais e chegava com cabeça cheia de problema, lia aquilo lá, falava: - Nosso o que eu estou fazendo? Às vezes, não jantava. Às vezes, que não dava tempo vinha direto pra cá, comer é rápido e mexe com o psicológico também.” Cesar

Em síntese, os sentidos estão atrelados aos significados sociais de boa índole, ser valorizado socialmente e vencer na vida. No entanto, são sentidos

vividos como emoções particulares. De outro lado, há os sentidos gerados na experiência do trabalho: bons como aprendizagem e da ordem do sofrimento, como as situações de humilhação. Outro núcleo de sentido é vinculado ao significado mercantil: ter lazer, namorar, roupas boas e possibilitar uma faculdade. O trabalho é mais importante que a educação, na formação e na vida. Ela é acessória do trabalho: viabiliza a ascensão no emprego, mas não ensina para a vida.

A escola em si, para os entrevistados, não estimula a criatividade, a aprendizagem e a socialização. Para alguns é fonte de amizade, nada mais que isto. Já o trabalho, por um lado, é à base da vida e do futuro e, de outro, sofrimento diante das condições que vivenciam cotidianamente e que em muitos acompanham o padecimento, pois, mesmo diante de situações de perversidade do mercado, a significação do fracasso é singularidade voltada para o próprio trabalhador.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstra a pertinência da concepção sócio histórica de sentido elaborada por Vigotski por contemplar, além dessa perspectiva de compreensão do ser humano, as significações provocadas na consciência que tornam os sentidos individuais, partindo da trajetória de cada um dos jovens entrevistados.

Os dados coletados durante a pesquisa apontam que, de acordo com a perspectiva de Vigotski (1934/1998), o sentido do trabalho para o jovem estudante trabalhador não pode ser entendido em si como categoria psicológica, mas é preciso contrapor aos significados dominantes socialmente, bem como situar os sujeitos da pesquisa nas condições de desigualdade social que caracterizam a sua inserção social. Evidenciando a dialética de exclusão/inclusão social que caracteriza o ingresso no mercado de trabalho do jovem de baixa renda e o papel da educação.

A relação do jovem com o trabalho é estimulada pela adequação social e pelo consumo. Em *O capital I, volume I*, Marx discute o conceito de fetiche como um processo, em que a mercadoria adquire um valor autônomo e independente das relações históricas e sociais. Assim, são estabelecidas relações de consumo quando o trabalho do homem deixa de ser fonte de realização para ser fonte do consumo de mercadorias. Trabalhar é a forma como os jovens conseguem adquirir bens de consumo como roupas, eletrônicos e carros, que socialmente compõem o que é ser jovem e aumentam a valorização diante do outro.

Diante das desigualdades impostas por uma organização social de classes e interesses distintos, aos jovens de baixa renda o trabalho precoce é apresentado como sinônimo de oportunidade de amadurecimento e fonte da ascensão social, através da conquista de recursos para consumir bens, para

agir de acordo com as necessidades criadas pelo fetiche.

Sobre os motivos envolvidos no ingresso dos jovens, a independência aparece com maior frequência, mas o sentido dessa independência está atrelado ao poder de consumo que causa admiração pelo produto consumido e que pode significar sucesso pela possibilidade de independência. No entanto, tal significação de autonomia na realidade inibe potencialidades dos jovens pobres e a ideia de independência como fonte de consumo mascara a alienação que submete o jovem trabalhador ao diminuir seu potencial de ação sobre uma realidade de exploração.

De acordo com Vigotski:

“A adolescência é um período de ruptura e extinção dos velhos interesses e motivações e desenvolvimento de novos, decorrentes inclusive da maturação de nova base biológica.”
(1931/ 1996, p. 28)

Nesta fase ocorre, segundo Vigotski (1931/1996), o amadurecimento da capacidade de formar conceitos complexos e abstratos, o que significa poder pensar com independência as experiências imediatas das coisas concretas. Essa nova e superior forma de atividade intelectual permite ao adolescente criar diferentes formas do real, projetar algo mentalmente antes de sua concretização, inclusive apropriando-se da experiência do outro, o que lhe abre o mundo da consciência e participação da produção social. Portanto, nota-se que o corpo e mente do jovem são afetados de diversas maneiras, sendo que ocorre exatamente o contrário, muito em função do trabalho.

Dentre as afetações mais frequentes estão o trajeto trabalho-casa e casa-trabalho, muitas vezes associado às oito horas de trabalho diárias. Tal rotina causa desgaste físico e afasta o jovem da convivência familiar, dos amigos, da escola e da realização de atividades capazes de ampliar seus horizontes. Dessa maneira, o convívio social, a prática de atividades

esportivas e o investimento na formação escolar são deixados de lado por conta do desgaste provocado pelo trabalho.

Os programas de Políticas Públicas implantados no município não são abrangentes, mas fazem diferença na vida profissional dos jovens contratados como aprendizes e menores aprendizes. Nestes locais, os jovens são encarados como adolescentes em formação e mesmo entre aqueles que se sentiram menosprezados pela pouca idade, o oferecimento de qualificação profissional associada a uma jornada de trabalho reduzida soa como uma possibilidade de investimento para a realização de outras atividades. Os mesmos programas também acompanham o desenvolvimento do jovem na escola através do controle de faltas, o que os estimula a frequentar a escola para não perder a vaga.

Diferentemente, os jovens que não possuem contratos diferenciados vivenciam uma rotina cansativa de 8 horas diárias de trabalho, que limita a vida do jovem e contradiz a ideia de autonomia e independência, pois se tornam dependentes de um trabalho que diminui sua potência.

A relação entre trabalho e estudo é a que mais expõe a dialética de exclusão/inclusão, por meio de uma relação perversa, em que a inclusão desses jovens na escola se dá como formalidade, dever a cumprir, sem sentir que ela o enriquece e favorece o trabalho no presente e no futuro.

O trabalho e a educação juntos aumentam o sofrimento por relações de trabalho baseadas na exploração. Ao começar a trabalhar, o jovem deixa de viver situações importantes para o desenvolvimento de capacidades de pensamento importantes para a autonomia e criatividade e como consequência submete-se a significados ideológicos que mascaram a exploração e justificam o sofrimento enquanto etapa preparatória para um futuro promissor que depende apenas da dedicação do indivíduo.

A educação regular oferecida é de baixa qualidade e o conteúdo não

possui nenhuma relação com a vida do jovem. Tanto que, para muitos, a conclusão do Ensino Médio é uma mera formalidade, uma forma de obter uma certificação que aumentará as chances de conseguir uma oportunidade no mercado de trabalho.

Falta à educação a reflexão para que os alunos transformem sua condição de classe e alcancem um posicionamento crítico sobre as forças que impedem a mudança de vida. Tal estrutura educacional reflete a desigualdade social ao colocar o jovem de baixa renda em uma condição de exclusão de um ensino de qualidade e de bloqueio ao pleno desenvolvimento.

Dessa forma, o trabalho como fonte de obtenção dos recursos para a sobrevivência humana é potencializador do desenvolvimento histórico humano e perde seu significado de mediação do homem com a natureza; tornando-se sinônimo de sofrimento e exploração enquanto a educação é utilizada como ferramenta de subordinação e alienação do jovem à sua condição de sofrimento.

A relação entre educação e trabalho é narrada por meio de uma rotina em que grande parte das atividades sociais e prazerosas típicas da adolescência é substituída pelos compromissos do trabalhador, assim como os conteúdos aprendidos estão desvinculados da vida prática e da compreensão da realidade.

Contudo, o trabalho tem sentido positivo, ao contrário da escola, já que também é visto como favorecedor de significado de crescimento e desenvolvimento de capacidades técnicas que despertam o desprendimento para superar os obstáculos, além do amadurecimento diante da visão de mundo provocado pela vivência com pessoas mais velhas.

Na comparação entre os sexos fica evidente a pressão para ingresso no mercado de trabalho maior para jovens do sexo masculino. As jovens são toleradas a depender por mais tempo financeiramente, ao ponto de começar a

trabalhar após obterem qualificação profissional, enquanto aos rapazes o trabalho soa necessidade, uma fonte da apreensão de boa índole que deve ser iniciada quando jovem como uma ferramenta modeladora de “bons” valores.

Contudo, muitos encaram suas oportunidades atuais enquanto meio para alcançar os objetivos, que para a maioria já estão traçados. Apesar de o trabalho distanciá-los da convivência social com outros jovens, as relações estabelecidas neste ambiente com pessoas mais velhas favorecem o amadurecimento e uma visão de futuro diferenciada, que em alguns casos, rompem barreiras e preconceitos. Da mesma forma, o ingresso precoce e as dificuldades vividas despertam desejo de ir além por meio das dificuldades ultrapassadas com sucesso.

Conforme relatos dos jovens, o ingresso no mercado de trabalho é mediado por ocorrer, para a maioria, frente à conjuntura de relações de trabalho que colocam o trabalhador na condição de instabilidade, favorecendo a submissão às condições impróprias em troca de uma colocação.

No entanto, o que chama a atenção é que, mesmo nas condições adversas, o trabalho é visto como única possibilidade de crescimento e de satisfação, ao contrário da educação que não tem efeito nenhum, como se fosse uma ação limitadora do crescimento. A escola é espaço burocrático, distante da comunidade escolar. Dessa forma, ela se mantém como uma das expressões da desigualdade social.

A relação criadora entre educação e trabalho perde espaço para relações ideológicas que mascaram a situação de desigualdade social. Assim, não basta propor medidas para evitar o ingresso desses jovens no mercado de trabalho, mas é preciso agir na educação, adequar o ensino às exigências de expansão e criação do jovem e implantar políticas públicas para a qualificação e de proteção do jovem trabalhador, com leis que estejam de acordo com a peculiar etapa de desenvolvimento.

Sabemos, conforme aponta nossa perspectiva teórica baseada em Vigotski, que o problema da relação entre educação e trabalho não pode ser resolvido sem que se resolva a questão social em sua plenitude. No entanto, esta concepção não pode estimular a inércia em relação às questões atuais, o que só reproduz a situação social mais ampla. Não se pode sustentar o modelo de educação que padroniza o ser humano e o torna incapaz de criar e imaginar, que é à base da liberdade.

Diante disso, espera-se que este trabalho possa contribuir com a reflexão sobre o ingresso do jovem no mercado de trabalho e a saúde do trabalhador, de forma a oferecer possibilidades para que os jovens possam vivenciar suas trajetórias profissionais adequadamente, sem prejuízos ao período de desenvolvimento.

9. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W M J. **Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócios históricas e A pesquisa em Psicologia Sócio Histórica: contribuições para o debate metodológico.** In: AGUIAR, W.M.J.; BOCK, A.M.B.; GONÇALVES, M.G.M. e FURTADO, O. (org.). *Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia.* 3ª Edição, São Paulo: Editora Cortez, 2007.

AMARAL, M D. **A saúde de trabalhadores jovens como indicador psicossocial da dialética exclusão/inclusão.** Tese de Doutorado. PUCSP, 2007

BARRETO, M M S. **Violência, saúde e trabalho: uma jornada de humilhações.** São Paulo: EDUC, 2006.

BIANCHETTI, L. PEREIRA, G R e ANDRADE, M C. **Transformações na educação e no trabalho: Os desafios de ser professor(a) hoje.** In: Cunha, D M, Laudares, J B. (org.) *Trabalho: diálogos multidisciplinares.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BOCK, A M B, GONÇALVES, M G M, FURTADO, O. (orgs) **Psicologia Sócio-Histórica. Uma perspectiva da Psicologia.** São Paulo: Editora Cortez, 2001.

CAMARANO, A A. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CASTRO, L O. Uma análise dos sentidos da não-participação para os moradores de uma favela em São Paulo nos serviços prestados por organizações do terceiro setor. Dissertação de Mestrado de Psicologia Social. PUCSP, 2009.

CHAUÍ, M. O que é ideologia. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. 1876. In: ENGELS, F.; MARX, K. Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, s.d., v. II.

ESPINOSA, B. Ética. Tradução Tomaz Tadeu. 2ª.edição. Belo Horizonte: Brasiliense, 2008.

GESQUI, L C. Organização escolar, absenteísmo docente, discente e rendimento escolar. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2008.

GIL, L P. O Sentido de Adolescência numa Perspectiva Sócio-Histórica: Um estudo com um profissional que utiliza arte-educação no trabalho com adolescentes. Dissertação de Mestrado. PUCSP, 2007.

GORZ, A. Metamorfoses do Trabalho: Crítica da Razão Econômica. São Paulo: Anablume, 2007.

LANE, S T M, SAWAIA , B B. Novas Veredas da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense: EDUC, 1995.

LANE, S. T. M. e CODO, W. **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 2001

LARA, A P S, **Trabalho e luta por reconhecimento: a identidade do trabalhador com deficiência**. Tese de Doutorado em Psicologia Social. PUCSP, 2011.

MARX, K. **Ideologia Alemã**. Tradução Álvaro Pina. 1ª edição. Expressão Popular, 2009.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução Jesus Ranieri. 3ª. Reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, K. **O Capital. Vol I**. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, K. **O Capital. Volume VI - Crítica da Economia Política**. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PIMENTEL, A. **Licença para Contaminar: obra da calha do Tietê, autolicenciamento ambiental e a contaminação da Lagoa de Carapicuíba**. Carapicuíba: Editora do Autor, 2006.

SAWAIA, B B. (org.) **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 6ª Edição, 2006.

SAWAIA, B. B. **Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social.** Psicologia e Sociedade, v. 21, 2009.

VÁZQUEZ, A S. **Filosofia da práxis.** 1ª. Ed. Buenos Aires. Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales – CLACSO. Trad. Maria Encarnación. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

VILLAR, M E V. **Experiências juvenis e ações públicas dirigidas à juventude: artes e trabalho na transmissão geracional.** Tese de Doutorado em Psicologia Social. USP, 2007.

VIGOTSKI, L S. (1931/1996). **Paidologia Del Adolescente.** Obras Escogidas. Vol IV. Madrid: Visor.

VIGOTSKI, L S. (1934/1998). **Pensamento e Linguagem.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L S. (1934/2001). **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.

VIGOTSKI, L S. **A Formação Social da Mente. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira M. Barreto e Solange C. Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

VIGOTSKI, L S. **Psicologia Pedagógica.** Tradução Paulo Bezerra. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ANEXO I – QUESTIONÁRIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL
Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes – CEP: 05014-901 – São Paulo / SP – Brasil
(11) 3670-8520

Pesquisadora: Poliana da Paz Bonfim

Estudo sobre os Sentidos de Trabalho para Adolescentes Moradores da Cidade de Carapicuíba

Escola: _____

Idade: _____ Sexo: M () F ()

Naturalidade: _____ Reside em Carapicuíba há quanto tempo: _____

Trabalha: Sim () Não () Há quanto tempo: _____

É primeiro emprego? Sim () Não ()

Caso não:

Quais os empregos anteriores? _____

Qual a área de atuação?

Valor médio de salário: 1 salário mínimo () até 3 salários mínimos () acima de três salários mínimos ()

Possui registro em Carteira: Sim () Não ()

Possui benefício trabalhista: Sim () Não (). Caso sim. Qual/Quais?: _____

Motivo do ingresso no mercado de trabalho?

Como busca oportunidades de trabalho? Jornal () Internet () Indicação de amigos/ familiares () Outro. Qual?

Conhece os programas desenvolvidos pelo governo para auxiliar o acesso ao emprego?

() ProJovem () Jovem Cidadão () Jovem Cidadão () Outros. Quais: _____

O trabalho influencia nos estudos? Sim () Não ()

Caso sim.

Como? _____

Se identifica/Gosta da área de atuação? Justifique. _____

Deseja continuar nela? Sim () Não ()

Caso deseje mudar, para qual?

Pretende continuar os estudos? Sim () Não ()

Caso sim, quais cursos pretende realizar? Técnico () Universidade () Outro: ()

Qual/quais? _____

ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes – CEP: 05014-901 – São Paulo / SP – Brasil
(11) 3670-8520

Pesquisadora: Poliana da Paz Bonfim

Estudo sobre Trabalho para Adolescentes Moradores da Cidade de Carapicuíba

Dados Pessoais – série que cursa			
Idade	anos e meses		
Sexo	<input type="checkbox"/> F		<input type="checkbox"/> M
	<input type="checkbox"/> Casado(a)	<input type="checkbox"/> Divorciado(a)	<input type="checkbox"/> Separado(a)
Estado Civil	<input type="checkbox"/> Solteiro (a)	<input type="checkbox"/> União Estável	<input type="checkbox"/> Viúvo(a)
Local de Origem	Cidade		Estado
	<input type="checkbox"/> Ateu	<input type="checkbox"/> Católica	<input type="checkbox"/> Cristã
	<input type="checkbox"/> Espírita	<input type="checkbox"/> Evangélica	<input type="checkbox"/> Outras
Religião	<input type="checkbox"/> Não possui		
Dados Familiares			
Com quem reside?			
Qual o nível de escolaridade dos familiares?			
Quantas pessoas trabalham na residência?			
Qual é a renda média da família?	R\$		
Dependentes			
Quantas pessoas dependem do seu salário?			
Qual o grau de parentesco dos dependentes?			
Dados de Moradia			
Bairro e Cidade de residência	Bairro	Cidade	
Tempo que reside no município			
Dados Escolares			
Há quanto tempo frequenta a escola?			
Reprovou alguma série?	<input type="checkbox"/> Não		<input type="checkbox"/> Sim
Caso tenha respondido sim na pergunta anterior:			

Em que série e qual motivo?		
Alguns vez interrompeu um ano letivo?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
Em que série e qual motivo?		

Dados sobre a Formação Profissional

Possui formação técnica/ profissionalizante?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim.
	Qual:	
Possui formação em informática?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Conhecimento básico
Possui formação em língua estrangeira/idiomas?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
	Idioma e tempo de formação:	

Histórico Profissional

Já trabalhou?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
Passou por situações de desemprego?		
Já recebeu ou recebe algum auxílio governamental?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
	Qual:	

Busca de oportunidade

Como busca oportunidades profissionais?	<input type="checkbox"/> Agências de Emprego
	<input type="checkbox"/> Internet
	<input type="checkbox"/> PAT e Emprega São Paulo
	<input type="checkbox"/> TV / Jornais
	<input type="checkbox"/> Distribuição de Currículo em empresas
	<input type="checkbox"/> Indicação de parentes e amigos
	<input type="checkbox"/> Outra. Qual:

Primeiro Emprego

Qual/Quais o(s) Motivo(s) da busca por emprego?		
Quando foi o primeiro emprego?	Local:	Data:
Foi contratado (a) CLT?	<input type="checkbox"/> Não	<input type="checkbox"/> Sim
Quais os benefícios oferecidos?	<input type="checkbox"/> Vale Transporte	<input type="checkbox"/> Assistência Médica
	<input type="checkbox"/> Vale Alimentação	<input type="checkbox"/> Outro. Qual:
Qual o valor do salário?	R\$	
Qual a carga horária diária?		
Qual o cargo desempenhado?		

Teve oportunidade de promoção?	
Por quanto tempo permaneceu?	
Qual o motivo da Saída?	
<i>Outros empregos</i>	
Local onde trabalhou?	
Por quanto tempo que permaneceu?	
Foi contratado (a) CLT?	() Não () Sim
Quais os benefícios oferecidos?	() Vale Transporte
	() Vale Alimentação () Assistência Médica () Outro. Qual:
Qual o valor do salário?	R\$
Qual a carga horária diária?	
Qual o cargo desempenhado?	
Teve oportunidade de promoção?	
Por quanto tempo que permaneceu?	
Qual o motivo da Saída?	
<i>Os sentidos do trabalho</i>	
Em sua opinião, qual o significado de trabalho?	
Qual a área em que buscou vaga, por quanto tempo e por quê?	
Você se identificou com a atividade profissional (cargo) que desempenhou/desempenha na primeira oportunidade profissional?	
Ainda falando sobre esta oportunidade, como foi o seu processo de adaptação ao trabalho?	
Como foi a recepção (aceitação) pelos colegas de trabalho?	
Há outros jovens no local em que você trabalha? Como é o clima de trabalho? Por quê?	
Na sua atuação função você precisou fazer um curso de qualificação?	
A sua relação com os amigos mudou depois que começou a trabalhar?	
No caso da família, a rotina mudou ou permaneceu com antes do início do trabalho?	
O trabalho influencia em seu desempenho escolar?	
O que você faz nos horários em que não está no trabalho/ na escola?	
O que mudou em sua vida depois que começou a trabalhar?	
Na sua opinião, qual a idade ideal para começar a trabalhar? Por quê?	
Qual o diferencial que os jovens têm a oferecer para o mercado de trabalho?	
As oportunidades oferecidas aos jovens estão de acordo com as necessidades?	
Você conhece a Legislação Trabalhista?	
Você conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente?	
Na sua opinião, o que seria um profissional bem-sucedido?	
Você acredita que todos têm as mesmas oportunidades no mercado de trabalho?	
Você acredita que o conhecimento oferecido pela escola é valorizado pelo mercado de	

trabalho?
Em Carapicuíba há oportunidades de qualificação e de experiência profissional?
Qual seria o valor ideal de salário para atender as suas necessidades atuais? Como você gasta o seu salário?
O espaço abaixo é reservado para você mencionar questões importantes e que não foram abordadas no questionário:

ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

Rua Monte Alegre, 984 – Perdizes – CEP: 05014-901 – São Paulo / SP – Brasil

(11) 3670-8520

Pesquisadora: Poliana da Paz Bonfim

Contatos:(11) 7358-4285 (11) 8583-0071

E-mail: polianapaz@hotmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Eu, _____,
declaro participar da pesquisa de mestrado intitulada “Os sentidos de trabalho para Adolescentes moradores da cidade de Carapicuíba”, desenvolvida por Poliana da Paz Bonfim, de livre e espontânea vontade, estando ciente e de acordo com os termos abaixo:

- 1) todas as informações serão usadas para fins de pesquisa, de forma a proteger a identidade e privacidade dos envolvidos;
- 2) em todo o material escrito ou publicado sobre o trabalho desenvolvido serão utilizados nomes fictícios referir-se aos sujeitos da pesquisa;
- 3) as informações não serão utilizadas em prejuízos das pessoas ou grupos;
- 4) a qualquer momento do processo de pesquisa o participante poderá recusar-se a continuar ou a participar de alguma etapa em particular, sem qualquer prejuízo ou penalização;
- 5) ao final da pesquisa os resultados serão informados a todos os participantes;
- 6) os resultados da pesquisa serão publicados e apresentados em órgãos acadêmicos/científicos e poderão servir de base para ações em prol dos trabalhadores.

Carapicuíba, de _____ de _____.

Assinatura do Participante